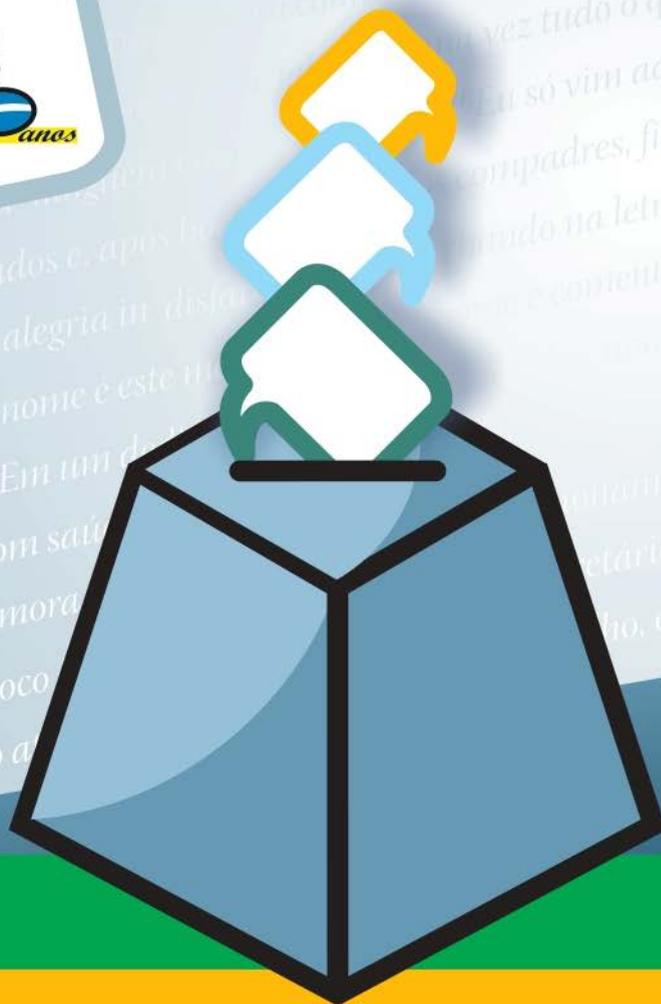


A História das Eleições é também a **minha** História!

Concurso de
Causos
Justiça Eleitoral **80** anos



Caro eleitor,

Este livro é fruto do concurso de "Causos da Justiça Eleitoral", inaugurado no ano passado, por ocasião da comemoração do Dia do Servidor. Tal certame contou com a participação de 74 inscritos, dentre servidores, auxiliares requisitados, magistrados, membros do ministério público, aposentados ou em atividade.

A iniciativa e os preparativos contaram com a equipe do GDO (Grupo de Desenvolvimento Organizacional) em parceria com a ACER (Assessoria do Cerimonial), e o apoio do consultor Olavo Romano. Por oportuno, aproveite o ensejo para congratulá-los pelo excelente trabalho desenvolvido.

Os textos nos remetem a uma leitura descontraída de histórias divertidas, curiosas e inusitadas vivenciadas por nossos colegas no cotidiano do trabalho, onde se percebem pelas narrativas não somente o alto nível de preparação intelectual dos profissionais que aqui laboram ou laboraram, mas também o talento artístico, o grande senso de humor e sensibilidade.

Esta iniciativa veio ressaltar não somente o talento dos servidores, mas também teve por objetivo incentivar o fortalecimento da cultura e da memória da Justiça Eleitoral. Não poderia ser de menor importância a contribuição para o desenvolvimento do reconhecimento e valorização dos servidores, dimensões que vão ao encontro do aprimoramento e melhoria de um clima organizacional mais saudável.

Espero que este livro além de registrar fatos do cotidiano dos servidores desta Justiça, possa instigá-lo a conhecer de forma lúdica a história contada por seus protagonistas num ambiente rico de situações adversas onde os personagens coadjuvantes assumem não raras vezes papéis hilários num contexto real.

Gessy Rodrigues Rosa
Secretária de Gestão de Pessoas



TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL
de Minas Gerais

A História das Eleições é também a minha História!

Coletânea de Causos do I Concurso de Causos em
comemoração aos 80 anos de instalação da
Justiça Eleitoral no Brasil e em Minas Gerais

2013
Belo Horizonte

2013 Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais

Compilação, consolidação e editoração
Secretaria de Gestão de Pessoas
Coordenadoria de Educação e Desenvolvimento
Seção de Assistência Médica e Social
Grupo de Desenvolvimento Organizacional

Comissão Julgadora
Olavo Romano - Presidente
Durval Augusto de Souza Júnior (Aposentado)
Márcia Cristina de Lima Araújo (SOF)
Maria da Conceição Vieira (ASCOM)
Valéria Aparecida de Souza Machado (STI)

Capa
Arnaldo Pedrosa (SGP)

Comissão Organizadora
Grupo de Desenvolvimento Organizacional
Assessoria de Cerimonial e Memória Eleitoral
Assessoria de Comunicação

Colaboração Técnica e impressão
Seção de Artes Gráficas

Revisão
Sandra da Conceição Betti Monteiro (SGP)

Distribuição
Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais
Grupo de Desenvolvimento Organizacional - GDO/SAMES
Avenida Prudente de Moraes, 320 - Prédio Anexo - 1º andar
30.380-002 - Belo Horizonte - MG
Telefone: (031) 3307-1248
Fac-Símile: (031) 3307-1380
E-mail: gdo@tre-mg.jus.br

A História das Eleições é também a minha História!
coletânea de causos do I Concurso de Causos em comemoração
aos 80 anos de instalação da Justiça Eleitoral no Brasil e em
Minas Gerais. - Belo Horizonte: Tribunal Regional Eleitoral de
Minas Gerais, 2013.

170 p.

1. Eleições - História - Brasil

CDU 342.843(81)



TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL
de Minas Gerais

Presidente

Desembargador Antônio Carlos Cruvinel

Vice-Presidente e Corregedor Regional Eleitoral

Desembargador Wander Paulo Marotta Moreira

Juízes

Juiz Maurício Pinto Ferreira

Juiz Carlos Alberto Simões de Tomaz

Juíza Alice de Souza Birchal

Procurador Regional Eleitoral

Dr. Eduardo Morato Fonseca

Diretora-Geral

Dra. Elizabeth Rezende Barra

Sumário

Apresentação	11
<i>Elizabeth Rezende Barra</i>	
Prefácio	13
<i>Olavo Romano</i>	
A história é um "causo" sério!.....	19
<i>Alayr Paulo Teixeira</i>	
"Mizade"	21
<i>Raquel de Moraes Lembi</i>	
Antenada às tecnologias.....	23
<i>Valéria Ferreira Coelho</i>	
A nave do outro mundo	25
<i>José Luís Teixeira Cantanhêde</i>	
Mico insuperável.....	27
<i>Márcia Ferreira</i>	
O helicóptero	29
<i>Valdeir de Carvalho</i>	
O voto certo	31
<i>Raimundo Rocha Bandeira</i>	
E se Deus não atrapalha.....	33
<i>Luiz Alberto Amaral Nardi</i>	
Vote com vontade... Vote no meu cumpade.....	35
<i>Sandra Maria Coelho</i>	
E quando a vítima da boca de urna é o próprio Promotor Eleitoral.....	37
<i>Júlio César Teixeira Crivellari</i>	
Diligências	39
<i>Raul Motta Moreira</i>	
O ilustre visitante	41
<i>Paulo Henrique Patrício</i>	

Colei fotos em títulos, vendo o dedo de Thomaz.....	43
<i>Lamarck Costa Teixeira</i>	
Coisa de louco.....	45
<i>Sandra Cintra de Souza</i>	
Vestir a camisa do Eleitoral no interior de Minas.....	47
<i>Vianey Guimarães de Souza Araújo</i>	
Transporte e alimentação - Eleições de 1974	49
<i>João Carlos Dantas de Brito</i>	
Papai Noel cidadão	51
<i>Beatriz Maria do Nascimento Ladeira</i>	
Aconteceu em Pompéu	53
<i>Geraldo Hamilton de Menezes</i>	
"Tá tudo dominado"	55
<i>Vivianny Kerin Lopes</i>	
Tinoco, Titoco ou Pitoco	57
<i>Wagner Guerreiro</i>	
Documento de identidade... com foto	59
<i>Marcus Vinícius Corrêa Maia</i>	
Orêias e Braquiárias	61
<i>Sueli Coelho da Cunha</i>	
O "causo" do Pica-pau x "Corta guéla"	63
<i>Luanda Gonzaga Evangelista</i>	
Ressaca de eleição	65
<i>Kênia Isonilda Pinheiro e Eleutério</i>	
Urna desaparecida	67
<i>Vilma Sinnott Esteves</i>	
Jandira Dixit à boca pequena.....	69
<i>Mateus Tavares Rabelo</i>	
Real e imaginário	71
<i>Maria do Rosário Andrade Chaves</i>	

Missão 2K12	73
<i>Manoel Vitor de Sousa</i>	
Final de cadastro.....	75
<i>Wilma Nádia Almeida</i>	
A Eleição da minha História	77
<i>Ana Lúcia Soares</i>	
Causos por acaso	79
<i>Ronan Oliveira Silva</i>	
Porco morde?	81
<i>Cinthia Fonseca Ramalho Fortes</i>	
Alçando voo.....	83
<i>Maria Fátima de Moura</i>	
A festa da posse.....	85
<i>Vivianne Rodrigues de Melo</i>	
Sô sortero, uai!	87
<i>Geni Maria Peres Lobato</i>	
"Causos" de processo eleitoral	89
<i>Dídimo Inocência de Paula</i>	
Trio Cidadania	93
<i>Elza Rosane Soalheiro</i>	
O caso do Juiz roubado	95
<i>Francisco Carlos Lacerda</i>	
Informação de óbito	97
<i>João Marcos de Oliveira Silva</i>	
Segredo de justiça	99
<i>Maria Luíza Teixeira Carvalho Mota</i>	
Não morreu ninguém	101
<i>Gláucia Alves Goulart</i>	
Tiro pela culatra?	103
<i>Hércules Gomes Júnior</i>	

Identificação do eleitor	105
<i>Anilza de Oliveira Silva</i>	
Histórias no atendimento	107
<i>Patrícia Carla Lima de Oliveira</i>	
Justiça eleitoral salvando vidas!	100
<i>Daniela Martins Álvares</i>	
A venda das sobras	111
<i>José Altivo Brandão Teixeira</i>	
Ônibus com urnas eletrônicas vira camburão da Polícia Militar	113
<i>Jair Lemos</i>	
A troca.....	115
<i>Juliana Nunes de Oliveira</i>	
Eleições e regulamento	117
<i>Joaquim Absair Frois</i>	
Cadê meu voto!	119
<i>Eduardo Eustáquio Braz</i>	
Fui!!!.....	121
<i>Robson Fernandes Moitinho</i>	
Um eleitor que não vota.....	123
<i>Alessandra Maria de Oliveira</i>	
Para ganhar eleição	125
<i>Marcelo Tavares</i>	
Tempestade de papel.....	127
<i>Helton Gardel Pereira</i>	
Eleições que mudam destinos.....	129
<i>Carlos Alberto de Avelar Souza</i>	
O Zé dos Mesários	131
<i>Camila Mendonça Carisio</i>	
A mulher-laranja.....	133
<i>Luiz Ernesto Lisboa Guerra</i>	

Os dias em que fui "Zap"	135
<i>Alberto Rocha Torres</i>	
Revólver na testa	137
<i>Stanley Inácio Rocha</i>	
Voto e ventania.....	139
<i>Maria do Carmo Fraga Gomes Ferreira</i>	
As urnas eletrônicas do lixão	141
<i>José Carlos Ferreira</i>	
Sessão à luz de velas.....	143
<i>Carla de Aquino Guerra Fuly</i>	
Um predestinado.....	145
<i>Paulo de Tarso Lins de Oliveira</i>	
É preciso sonhar	147
<i>Simone Maria Braga Reis Wanderley Athayde</i>	
"Dá um grau!"	149
<i>Sheila D'Ávila Keppel</i>	
Se beber, não vote	151
<i>Carla Gonçalves Rici Gomes</i>	
Para não confundir	153
<i>Maria Cléia Santos</i>	
Relato de uma mesária de primeira viagem	155
<i>Lúcia Helena Ferreira Carvalho</i>	
Voto consciente, esse eu decido!.....	157
<i>Marta Pereira Tavares</i>	
Os "papelim" de pai	159
<i>Fernanda Viviane de Freitas Ribeiro</i>	
A Kombi eleitoral.....	161
<i>Elizabeth de Senna Valle</i>	
Assina ou não assina: a recusa	163
<i>Rodrigo Márcio de Menezes Mello</i>	

"Papagaio de Pirata"	165
<i>Antônio Vieira dos Reis Carellos</i>	
A loura	167
<i>Francisco Bruzzi de Souza Lima</i>	
Sobre os vencedores	169

Apresentação

A Justiça Eleitoral do Brasil, no ano de 2012, teve muito a celebrar no aniversário de 80 anos de sua instalação: todos os Tribunais Regionais Eleitorais do país e também o Tribunal Superior Eleitoral promoveram inúmeros eventos comemorativos, e no TRE mineiro não foi diferente.

Num momento de feliz inspiração, a Secretaria de Gestão de Pessoas, juntamente com a Assessoria de Cerimonial e Memória Eleitoral, propuseram o lançamento do I Concurso de Causos deste Tribunal, tendo como tema "A História das Eleições é também a Minha História".

O concurso teve como objetivo não só comemorar os 80 anos da Justiça Eleitoral, mas, também, valorizar e motivar os Magistrados, Membros do Ministério Público Eleitoral e servidores, convidando-os a socializar suas vivências e afetos dentro da Instituição. A premissa principal é o reconhecimento da importância de cada um deles para a história da Justiça Eleitoral mineira.

Tivemos muitos bons frutos com essa iniciativa. A participação dos servidores, ativos e inativos, dos Magistrados e Membros do Ministério Público foi significativa e de excelente nível literário. Foram retratadas histórias vividas durante suas jornadas de trabalho, tendo como cenário as eleições realizadas pela Justiça Eleitoral na "Terra das Geraes". São relatos interessantes, engraçados, bem escritos e que demonstram que o Judiciário Eleitoral de nosso Estado é formado por pessoas extremamente dedicadas à causa da democracia de nosso país e também providas de muito bom humor e criatividade.

O lançamento deste livro é, portanto, um reconhecimento aos que trabalham com seriedade, amor e dedicação à Justiça Eleitoral de Minas Gerais, propiciando a todos os eleitores a possibilidade do pleno exercício da democracia, através do voto livre e consciente.

Não podemos deixar de ressaltar que a Comissão Julgadora teve como Presidente o ilustre escritor Olavo Romano, que assina o prefácio desta publicação. Com seu "jeito mineiro" de escrever, o renomado autor muito engrandeceu nosso concurso. Nossos sinceros agradecimentos a ele e a todos os membros da Comissão.

Agradecemos ao Senhor Presidente deste Tribunal, Desembargador Antônio Carlos Cruvinel, que abraçou o projeto e deu a ele todo o seu apoio. Foi uma pena que os compromissos com o pleito de 2012 o tenham impedido de participar do concurso com um de seus inúmeros causos, que alegram o nosso dia-a-dia neste Tribunal.

Nossa gratidão, enfim, a todos os que participaram do I Concurso de Causos do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais, com especiais congratulações aos vencedores.

Registramos, ainda, a expectativa de que este projeto, tão bem aceito por todos, tenha novas edições e continue a contribuir para o registro de relatos que retratam a história, de tantas épocas, da evolução da democracia, do voto e da cidadania em nosso país.

Belo Horizonte, março de 2013

Elizabeth Rezende Barra
Diretora-Geral

Prefácio

Nasci em pleno Estado Novo, no auge da ditadura Vargas.

Meu pai, dentista prático desde os dezessete anos, formou-se muito depois, a duras penas. Mas nunca teve em mãos seu diploma, supostamente destruído em um incêndio na Escola de Odontologia e Farmácia de Ubá. Quando, na vigência da ditadura militar, lhe disse que seu precioso canudo se encontrava na divisão de segurança e informação do MEC, ele nem se interessou: doente e sem ânimo, já estava fora de combate.

Sem poder comprovar sua habilitação legal para o exercício da profissão, viveu confinado no pequeno arraial onde nascera. Altivo e quixotesco, enfrentou absurdos interrogatórios policiais e chegou a sofrer agressão física - tudo por não se submeter ao obscurantismo então vigente.

Terminada a Segunda Grande Guerra, em maio de 1945, ofereceu um jantar aos pracinhas da terra, celebrando a liberdade anunciada.

Com a queda de Getúlio, em outubro, pintou com "V" a fachada de nossa casa, saudando os ventos da democracia.

José Linhares, Presidente do TSE e das eleições daquele ano, deu início ao fim do coronelismo rançoso e mandão, deixando para trás as atas forjadas a bico de pena e consagrando a livre manifestação do povo, verdadeiro detentor do poder.

Com apenas sete anos, tomado de precoce fervor cívico, ajudei a organizar e entregar marmitas - nome dado ao conjunto de cédulas impressas dos candidatos -, distribuir boletins e cartazes, entrar em acaloradas discussões a favor dos nossos candidatos.

Nas paredes de nossa casa, o brigadeiro Eduardo Gomes, um dos 18 Heróis do Forte de Copacabana, presidia o panteão de nossas esperanças.

No dia dois de dezembro de 1945, vi meu pai se preparando com raro esmero para o grande momento. De sapato engraxado, impecável terno de linho, gravata nova, barba feita no capricho, dirigiu-se ao Grupo Escolar para, enfim, cumprir seu valioso e tão almejado ritual, votando para Presidente da República e para o Congresso Constituinte, que produziria a Carta de 1946.

Em 19 de janeiro de 1947, na eleição de governador, prefeito e vereadores, a lufa-lufa se repetiu, com redobrado entusiasmo. Com oito anos, fui incumbido de levar, a cavalo, o resultado ao Seu João Américo, na Fazenda Ponte de Pedra. "Ganhamos?", indagou ele, antes que eu apeasse. "Seu pai escreveu?". Procurei no bolso traseiro da calça curta, não havia nada. Mas eu sabia o resultado e informei, de cabeça. Em seguida, voltei mais de um quilômetro pela estrada, até achar o papel, com as informações que eu já havia antecipado.

Seis décadas e meia depois, aquele piquira, transfigurado em Ícaro, viaja no tempo e pousa numa grande festa que celebra os oitenta anos de instalação da Justiça Eleitoral de Minas e, de quebra, o Dia do Servidor.

Naquele encontro feliz e bem mineiro, houve prosa boa, moda de viola e contação de causo, confraternização e alegria, clima de serão na varanda ou em roda do rabo do fogão.

Mas o prato de sustança, mesmo, o que vai ficar na lembrança de todo mundo, foi o concurso "A História das Eleições é também a Minha História".

Motivados pela iniciativa, servidores de todos os níveis e categorias, magistrados, promotores e procuradores, aposentados e da ativa, compareceram com suas oferendas de causos, estórias, memórias da vida e do trabalho, lembranças de variados tempos e lugares, retalhos de sortidas cores e tamanhos, gente que abriu baús e relicários, trazendo suas preciosidades para compor vívido painel de cadências e compassos dessas muitas tantas Minas, chão da nossa vida.

Os textos vieram aos poucos. Pingando, no princípio, em meio à azáfama prévia à eleição, chegaram à primeira dúzia. Ganharam força, pausaram no 64, que parecia ser o último. "Uma carga de rapadura", disse eu, voltando à velha medida corrente na minha infância roceira, ao lado de braça, alqueire, polegada, quarta e légua.

Lidas com emocionado entusiasmo, os causos passaram pelo crivo da comissão julgadora, que tive o privilégio de presidir. Dos mais de setenta examinados, pouco mais de vinte concentraram a atenção dos jurados que, só à custa de muito debate, chegaram aos três melhores, premiados na festa do dia 13 de novembro de 2012.

O conjunto que ora se apresenta ao leitor tem nave do outro mundo, um mico pedagógico, a mão divina sobre os votos, candidato abrindo mão de voto ou querendo vender sobra, eleitor temendo corretivo na hora de cadastrar, Pé Liso versus Pé Rachado, Oréias contra Braquiárias, Pica-Pau x Corta Goela, coisas de louco, trapaças e suspeitas, um Papai Noel com urnas na cacunda, confusão de nomes na cédula de papel, criatividade documentada, urna sumida, o valor do sigilo...

Mas este livro, que materializa feliz iniciativa do TRE-MG, é mais que um repositório de lembranças e memórias - o que já não é pouco.

Para além das estórias contadas e vividas, ele simboliza uma longa e profícua trajetória, numa às vezes tortuosa e áspera caminhada - do Brasil rural, com voto de cabresto, um pé de botina esperando o resultado pra completar o par, ao mundo urbanizado das redes sociais, da comunicação simultânea e globalizante, onde tempo e espaço se evaporam em novos e intrigantes desafios do consumismo, da impessoalidade e da impermanência.

Que estas pequenas estórias de vidas e eleições possam ser uma chama em homenagem aos que, com trabalho e dedicação, honram nossos valores mais preciosos, especialmente, na livre manifestação da cidadania, escolhendo e fiscalizando os que nos governam.

Olavo Romano
Presidente da Academia Mineira de Letras

"Nós, os homens do sertão, somos fabulistas por natureza. Está no nosso sangue narrar estórias; já no berço recebemos esse dom para toda a vida. Desde pequenos, estamos constantemente escutando as narrativas multicoloridas dos velhos, os contos e lendas, e também nos criamos em um mundo que às vezes pode se assemelhar a uma lenda cruel. Deste modo a gente se habitua, e narrar estórias corre por nossas veias e penetra em nosso corpo, em nossa alma, porque o sertão é a alma de seus homens. (...) A única diferença é simplesmente que eu, em vez de contá-las, escrevia. (...) Disse a mim mesmo que sobre o sertão não se podia fazer "literatura" do tipo corrente, mas apenas escrever lendas, contos, confissões."

Guimarães Rosa

1º lugar

A história é um "causo" sério!...

Alayr Paulo Teixeira
Técnico Judiciário (aposentado)
Belo Horizonte

A democracia se reavivava, a história da Justiça Eleitoral acontecia e eu estava lá, participando das glórias e mazelas nas lutas pelo aperfeiçoamento e a expansão da cidadania brasileira. Alguns dos mais interessantes momentos de que me lembro aconteceram na época da primeira eleição direta à Presidência, após o regime militar. O primeiro turno se daria exatamente no Centenário da República, 15 de novembro de 1989!...

Um novo dispositivo legal trouxera a possibilidade de os adolescentes, com dezesseis e menos de dezoito anos, terem a opção de votar. Esse contingente enorme de possíveis eleitores e o entusiasmo da população causavam tumulto nos cartórios eleitorais da Capital e a solução foi criar vários pontos de cadastramentos em locais de fácil acesso, usando *trailers* da Polícia Militar de Minas Gerais.

Designado para a Praça Sete de Setembro, assustei-me ao ver a enormidade das filas para o atendimento. A maioria era de mocinhas e várias traziam um bebê no colo, na fila preferencial. Percebemos que algo estava errado, ao atendê-las, pois observamos que mães diferentes traziam o mesmo rechonchudo bebê, que estava sendo "alugado", a troco de vale-transporte ou algumas moedas, pelo uso da fila preferencial!...

Novas mães, novas crianças, novos eleitores... Novo Brasil?

Pois é... Preenchíamos em manuscrito a ficha de inscrição, com caneta esferográfica sobre papel carbonado no verso, gerando cópia. Os erros eram consertados aplicando-se o líquido conhecido como "corretivo".

Um juvenzinho furou a fila e entrou no *trailer*. Não poderíamos expô-lo, recusando-o, o que causaria um tumulto inimaginável, então um colega o recebeu, indicando-lhe uma cadeira entre as mesas, dizendo:

- Assenta aí, que já vamos te cadastrar...

Parece que o jovem não entendeu bem a palavra "cadastrar" e se encolheu todo, protegendo-se. Para piorar a situação, eu tinha errado um preenchimento e notei que os tubos de corretores estavam na outra mesa.

Gesticulando, lhe pedi que fosse lá buscar e falei alto, quase gritando:

- Passa um corretivo pra ele aí, colega!...

O assustado jovem se apavorou mais ainda com o "corretivo", olhou para todos os lados e somente não saiu pela janelinha de ventilação, porque não caberia nela. Deixando-nos perplexos, num rompante, saiu pela porta correndo e desapareceu, sem olhar pra trás!

Voltou? Votou? Pintou o rosto, protestando, três anos depois? Nunca soubemos, mas...

A história continua, desfilando garbosa, toda enfeitada de causos...

2º lugar

"Mizade"

Raquel de Moraes Lembi
Técnico Judiciário
Seção de Orientação às Zonas Eleitorais/CRE

Ano de eleições municipais. O prazo final para solicitar alistamento, transferência e revisão de título de eleitor se aproxima. O movimento no cartório eleitoral ainda é pequeno: "a maioria dos brasileiros deixa tudo para o último dia".

Final de tarde. Um casal na terceira idade chega para fazer o título. Os dois "compadres" nunca tiraram o documento porque não estavam obrigados: eram analfabetos. Eram; agora não são mais. Contam com orgulho que aprenderam a assinar o nome de "carreirinha" e a ler "alguma coisinha". Querem tirar o título para votar no candidato a Vereador da região onde moram: "Menino muito bonzinho!".

Atendo primeiro Dona Ana. Ao ser indagada se possuía irmão gêmeo, a sorridente senhora responde: "Não, mas tenho uma irmã muito parecida comigo. "Ocê" conhece ela? Ela já "teve" aqui?"!!! Depois questiona o meu interesse no número de seu telefone. Esclareço que é uma informação importante que facilitará, se necessário, no futuro, algum contato do servidor da Justiça Eleitoral com a eleitora. Dona Ana fica brava: "Contato??? Então pode falar de uma vez tudo o que "ocês" querem fazer comigo, porque eu não vou deixar "seu" ninguém encostar em mim! Eu só vim aqui tirar aquele papel pra poder votar!" Esclarecimentos dados e, após boas risadas dos compadres, finalizo o atendimento. Dona Ana assina o título com uma alegria indisfarçável e caprichando na letra.

Chega a vez de "seu" Bom Filho (o nome é este mesmo). Elogio o nome e comento que, apesar dos 76 anos, ele está muito conservado. Em um dedinho de prosa, falamos sobre nomes diferentes ou engraçados e sobre envelhecer com saúde e com alegria de viver.

No bairro onde "seu" Bom Filho mora existem duas escolas que funcionam como local de votação: a Escola Estadual Bolívar Tinoco Mineiro e a Escola Municipal Secretário Humberto Almeida. Sendo assim, dando continuidade ao atendimento, pergunto: "Seu' Bom Filho, o senhor quer votar no Bolívar Tinoco ou no Humberto Almeida?" O simpático senhor olha para mim muito sério e fala pausadamente: "Minha filha, não é porque nós fizemos "mizade" que eu vou te contar pra quem eu vou dar o meu voto. Eu não sou homem de leitura, mas eu sei que o voto é secreto!!!!"

3º lugar

Antenada às tecnologias

Valéria Ferreira Coelho
Auxiliar de Cartório, no período de 09/07 a 19/12/2012
054ª Zona Eleitoral de Buenópolis

O dia começou agitado, o galo mal tinha cantado e já estava eu correndo de um lado para o outro, arrumando meus materiais para enfrentar minha primeira eleição como técnica de urna. Fiquei com a difícil (mas não deixa de ser prazerosa) tarefa de ser responsável pelo município vizinho. Eu, sozinha, com meus 18 aninhos e minha fragilidade de menina, partir sem saber o que me aguardava naquela pequena cidade, que de pacata não tinha nada! Os lances políticos estavam a todo vapor, cercado de rinchas, algumas desavenças, agito costumeiro na grande festa da democracia.

Ao longo do dia surgiram alguns problemas técnicos mas nada que eu não soubesse resolver ou que a equipe que estava me assessorando por telefone não me orientasse, até que... uma senhora, que aparentava ter uns 45 anos, talvez até tivesse menos, mas o semblante sofrido do trabalho sol a sol na roça, intensificava um pouco suas expressões. Gentil e meio confusa me procurou reclamando que não tinha conseguido votar. Ela dizia que o número e a foto do candidato não apareciam, logo me preocupei, poderia ser um problema na urna. Tentei orientá-la de longe (já que é proibido entrar na cabina de votação), mas mesmo assim nada adiantava. Fiquei intrigada, liguei para o cartório eleitoral da minha zona, contei o problema, me passaram um leque de opções do que poderia estar acontecendo, mas nada se encaixava à situação.

Mudei de estratégia, tentei investigar o que ela estava fazendo, fui perguntando, perguntando, tentando montar o quebra-cabeça. "Talvez ela não soubesse o número do seu candidato", pensei alto, mas ela logo respondeu por de trás da cabina - "sim, sim! Claro que sei! De có e sorteado!" com um ar de orgulho por estar decidida e consciente em quem votar. Continuei indagando "os quadradinhos na tela estão aparecendo?" e ela disse: "sim, mas os número não". O que será que está acontecendo?! Eu já estava ficando tensa... "ela não deve saber lidar com tecnologias", foi a conclusão mais plausível que cheguei.

Até que do nada, numa tentativa quase que forçada pensei em perguntar onde ela estava digitando...ela disse: "nesse espaço branco aqui!", aí eu disse, "ah... você está apertando na tela... tem que apertar nessas teclas pretas aí..." e ela, num súbito espanto, com um ar de desapontamento disse em voz alta: "eita!!! pensei que as urnas eram mais modernas, tudo agora é 'touch screen' uai!!! A tecnologia chegou primeiro lá em casa, depois fala que gente da roça que é atrasado rrsrs!"

E numa gargalhada esbanjando bom humor daquela humilde, mas antenada senhora, enfim ouviu-se o barulhinho da urna finalizando o voto. E todos que estavam presentes naquela seção dividiram risadas e mais risadas deste inusitado e divertido fato.

A nave do outro mundo

José Luís Teixeira Cantanhêde
Técnico Judiciário
Assessoria de Comunicação

Saí de lá com a certeza do dever cumprido, de ter feito o melhor naquela situação tão inusitada. E confesso que, a cada convocação de mesários, o destino sempre reservava tais surpresas e histórias curiosas a carrear o imprevisível à memória de nossa Justiça Eleitoral.

E foi em uma dessas andanças, em agosto de 2000, ano de costumeiras acirradas eleições municipais, que tudo aconteceu. O roteiro que fiz, ao sair do Cartório da 39ª Zona Eleitoral, de BH, incluía, além do forte calor da tarde, percorrer o Bairro São Bernardo, Zona Norte da cidade.

A presença do carro a serviço do TRE sempre despertava curiosidade. Os moradores (humildes, em sua maioria), nas ruas estreitas e empoeiradas, viam o veículo como uma nave de outro mundo, dotada de piloto e co-piloto, brasão da República nos vidros, capaz de sobrevoar até mesmo os intransponíveis becos à procura de alguma coisa diferente e aterrissar no Aeroporto da Pampulha, que fica perto dali.

Curioso é o bairro: ruas com nomes de times de futebol, de padres, freis e santos, montanhosas, surpreendentes, com números antigos e atuais pregados lado a lado nos muros das casas, o que tornava cansativa a missão. Era preciso perguntar, vasculhar, verificar no mapa de papel, para não perder o endereço de mais um aliado no dia da votação, cidadãos com autoridade suficiente para manter a ordem nas seções em nome da democracia.

Depois de quase uma hora a percorrer a região, já com uma parcela de cartas reduzida em minhas mãos, das dezenas que tinham que ser entregues, segui para mais um endereço, na esperança de encontrar outro felizardo. A rua terminava em um beco, pelo qual segui a pé. No final dele, outra viela despontava, com barracos e casas simples, algumas sem reboco. Crianças brincavam no meio do caminho de terra, sem se importarem com minha presença. Ao chegar ao lugar, bati palmas, como de praxe, e, após alguns minutos, uma velhinha veio ao meu encontro.

Do alto de seus 80 e poucos anos, caminhando com dificuldade, ela me ofereceu água e café, com seu jeito simplório e voz firme. Indaguei se conhecia o mesário, e a senhora afirmou ser mãe dele. Depois de explicar sobre minha presença ali e de entregar a carta, esperei a resposta, e a idosa, com um baita sorriso na boca sem dentes, me abraçou e disse:

- Brigada, seu moço. Meu menino tá desempregado e essa oferta de emprego veio em boa hora. Deus lhe pague!!

Com um sorriso desconsertado no rosto, despedi-me da velhinha, voltei à nave do outro mundo, na certeza de que, no próximo dia, outras surpresas viriam.

Mico insuperável

Márcia Ferreira
Técnico Judiciário
103ª Zona Eleitoral de Divinópolis

Numa tarde, compareceu ao cartório eleitoral um casal de eleitores. Como os servidores não dispunham de estação de trabalho individual e éramos 12, conseguir um computador só quando estávamos na linha de frente, ou seja, no atendimento direto ao eleitor.

Era o momento onde tínhamos que dividir para atendimento ao público e realização do serviço interno. Então imagina como ficávamos: um olho no eleitor e outro no computador.

Perguntei ao eleitor como poderia ajudá-lo e explicou-me que precisava do título eleitoral.

Só de olhar, percebi que tinha mais de 18 anos. Indaguei se seria 2ª via, revisão de dados cadastrais, transferência ou alistamento eleitoral. Respondeu que nunca tinha requerido o título

Sem pedir documentos, perguntei-lhe sua idade e informei-lhe que maiores de 18 anos, necessitavam apresentar o certificado de alistamento militar.

O eleitor ficou sem entender direito que documento seria e com a ajuda e concordância de um colega ao lado, rapidamente forneci o endereço do Tiro de Guerra.

Então o casal de eleitores dirigiu-se àquele órgão.

Passado algum tempo, fomos tomar café. Ficavam sempre dois servidores para atendimento ao público.

Nesse momento, o casal de eleitores retornou ao cartório e a primeira pessoa que encontraram foi a faxineira e disseram: *"naquele lugar nos informaram que alistamento militar é só para homens."*

A faxineira muito sabida e experiente, já com a carteira de identidade na mão, falou para a servidora que estava no atendimento, com o dedinho no nome da eleitora: "olha aqui..."

Minha colega imediatamente assumiu o atendimento, mas não foi possível efetuar o alistamento, porque a eleitora estava com os direitos políticos suspensos.

Para minha sorte e alívio, eu estava tomando café.

Moral da história: pensei que era homem, mas era mulher.

Imagina como este fato proporciona longas gargalhadas e é conhecido no cartório eleitoral: "MICO INSUPERÁVEL".

Lições para minha vida:

- Não julgar pela aparência;
- Solicitar sempre um documento de identificação antes de prestar determinadas informações.

O helicóptero

Valdeir de Carvalho
Analista Judiciário (aposentado)
Ex-Diretor-Geral do TRE-MG, no período de
01/03 a 30/03/90

Um dia, que já se faz muito distante, recebemos um chamado urgente, do Presidente da Casa. Tratava-se do seguinte: devido às chuvas constantes e intermináveis, um Juiz ficou preso na Cidade de São Romão com urnas apuradas e tudo, sem poder regressar a Belo Horizonte.

No entanto conseguiu se comunicar com o Presidente, expor a situação e pedir providências administrativas para solução do assunto.

Daí a nossa missão - conseguir o regresso do Magistrado: achar o caminho das pedras...

Depois de muito pensar achamos a solução: pedir a interferência da MARINHA DO BRASIL - um helicóptero com três tripulantes devidamente uniformizados com a vestimenta de guerra. E aí lá foi o Lente, mais um servidor do TRE.

Chovia demais.

Ao se aproximar a nave, do centro da Comarca, todos os moradores - sem medo de errar nessa informação - afluíram à praça para presenciar o fato histórico. E as urnas foram colocadas no helicóptero, e retornamos, agora, acompanhados do Juiz.

Um casal recém-saído da Igreja, onde uniram suas vidas, chegou a suplicar ao comandante da nave, por uma xepa, até à Capital. A resposta, muito incisiva, negou o benefício. E viemos os restantes, Juiz e urnas, para casa, sem problemas maiores, até o

TRE-MG

heliporto na Capital, depois da alegria que se apossou da cidade visitada.

Esta é uma história (com H), que vivemos dentre muitas outras.

O voto certo

Raimundo Rocha Bandeira
Técnico Judiciário
134ª Zona Eleitoral de Itajubá

Meu voto? Está decidido, é voto certo - vou revelar!
SÓ VOTO EM HONESTO! É assim que vou votar.
Sem dúvida, votarei bem, mas... (ainda) procuro
alguém!...

Será que vou encontrar?! Entre candidatos!... Será?!
O MEU VOTO É CERTEZA - já cansei de errar...
Tem gente que não me entende e diz algo assim:
Você tem que votar naquele menos ruim...
Porque alguém vai sempre ganhar!!!...
Minha resposta vem na hora, dentro de mim,
Sem dúvida, sem medo de falar - é do coração:
Não voto em qualquer um.
Parei! Chega de ilusão!
Em meu nome?! Autorizar alguém a roubar?! Quero não!
Deus me livre (*Pai-Nosso*), não me deixe cair em
tentação.

E não me permita... também não quero julgar meu irmão.
A gente precisa andar certo, no amor, na paz, ser do bem.
Votar em HONESTO, com CERTEZA! Por que não?!

TRE-MG

Se não encontrar... voto *EM BRANCO*, ou *NULO* - pra ninguém!

Pois quem vota, RESPONSÁVEL É...

Pelo político eleito que tem.

E se Deus não atrapalha...

Luiz Alberto Amaral Nardi
Auxiliar de Cartório, no período de 09/04 a 17/12/2012
123ª Zona Eleitoral de Guaranésia

Dr. João Soares Cruz (que gostava imensamente que o chamassem de Doutor, com D maiúsculo) levantou-se da sua pesada e rebuscada cadeira à la Luiz XV, e pronunciou a seguinte frase: "*Nem Deus atrapalhará estas eleições!*". Depois deu uma longa tragada no seu charuto e bafou uma fumaça plúmbea deixando todo ar com aroma de fumo.

Eis que chega o dia das eleições. Campesina era uma cidade pacata e distante dos grandes centros. Se pudéssemos vê-la de cima pareceria uma pedra preciosa incrustada nas grandes e verdes elevações mineiras. Quem estava presente naquele dia concordaria com Dr. Félix Adalgizo Fernandes, douto advogado e com Monsenhor Rufini, zeloso clérigo local, que bem disseram nos seus relatos posteriores: "*Campesina amanheceu com uma névoa densa, um úmido cheiro de relva que adentrava os narizes e refrescava a alma*". O dia transcorreu bem. Finda a votação os votos foram conduzidos ao cartório onde estava Dr. João, charuto à boca. Um barulho seco corta o ar. Um tiro. Todos, após paralisarem-se, correm à praça, que ficava defronte ao cartório, e da onde viera o barulho. Dr. Calvinho explicara, mais tarde, que Juquinha do Libério, defensor implacável dos "sabonetes" atirou porque Joselito do Crista dos "sabão-de-cinza" tivera a "ousadia de falar mal do Dr. Urias", o candidato a Prefeito. "Sabonete" e "sabão-de-cinza" eram as duas correntes políticas da cidade.

Neste ínterim, um vento levantou os chapéus dos distintos senhores e fechou bruscamente a porta do cartório. Porta antiga, só

se abria por um gancho de uma fechadura antiga, e por dentro. Na confusão, o cartório esquecer a chave e Dr. João, seu charuto lá dentro. Então o vento, numa peripécia do acaso, empurrou as cinzas do charuto para uma papelada, acendendo um rubro fogo. Destes últimos o fogo passou às cortinas e, não se sabe até hoje o que faziam ali, para latas de querosene que alimentaram ainda mais o poderoso incêndio. Tudo consumido: Urnas, votos, papéis, documentos... Dr. João, vendo aquilo, tenta pegar seu charuto, e lembra-se onde ele ficara. Seu cérebro lógico junta as peças do quebra-cabeça e agora, além do cartório, é seu cérebro que queima. Olha para o lado e vê um senhor com um cigarro de palha que fuma tranquilamente, vendo a destruição do cartório. Com seu ar imperioso e jurídico, toma do homem o cigarro, traga, bafora com paciência, lança uma cusparada ao chão e diz: *"É Deus, o senhor não atrapalhou, mas também não ajudou, deveras..."*

Vote com vontade... Vote no meu cumpade

Sandra Maria Coelho
Auxiliar de Cartório
328ª Zona Eleitoral de São João Del Rei

Lá pelas bandas de uma cidadezinha pacata de Minas, se fazia política com simpatia.... O Sr. Ricardinho se meteu a candidatar para veriadô (como dizia ele), afinal todo mundo o cumprimentava com muita "satisfação" e pensou: "Esse povo gosta por demais de mim, já tô eleito".

Era muito solidário, tinha um vocabulário simples, sempre que podia ajudava as "mué" do povoado do "Poço Fundo" a tirar água no poço. E dizia: "as mué vai na frente que eu vou com a mangueira atrás" e isso era motivo de piada na cidade. Mas, tudo era tido com muita ingenuidade de homem simples que era.

Chegaram as eleições, campanha daqui e dali e o cumpade do Sr. Ricardinho também candidatou. Sr. Ricardinho, querendo agradar o cumpade "Zé do Leite", chegou pra ele e disse:

- Cumpade pode ficar "tranquilo", vou te ajudá. Ocê é um cumpade muito querido, porque eu já tô eleito.

No dia da apuração, cumpade Ricardinho nem um voto teve.

- Uai... espantado "Zé do Leite" disse:

- Cumpade cadê o seu voto?

Ricardinho suspirou e disse:

- Uai, num prometi te ajudá, votei nocê...

- Brigado cumpade, mas e o voto da sua mué?

- Uai... suspirou fundo novamente e disse:

TRE-MG

- Mandei ela votá nocê também... ocê num é viúvo?

E com tanta generosidade... nem cumpade Ricardinho e
nem cumpade "Zé do Leite" foram eleitos... e finalizaram...

- Fica pro próximo "preito".

E quando a vítima da boca de urna é o próprio Promotor Eleitoral...

Júlio César Teixeira Crivellari
Promotor de Justiça
Promotor Eleitoral da 14ª Zona Eleitoral de
Andrelândia/MG, desde 17/04/2006

Lá pras bandas do interior das Minas Gerais, na região das montanhas mágicas, lavora um Promotor Eleitoral dos arretados. Vigilante, honesto, preocupado com a sociedade e com a justeza das eleições, o cabra não deixa escapar nenhuma ilegalidade que lhe bata as portas.

Outro dia, estando no templo sagrado da Justiça Eleitoral - o cartório eleitoral - não é que o cabra se deparou com uma dessas ilegalidades?!

Era dia 3 de outubro de 2010, no início da tarde, quando as eleições gerais já estavam "bombando" em todo país, e o nosso Promotor Eleitoral estava no cartório de prontidão, quando recebeu uma mensagem em seu próprio celular, que dizia: *Limpa, criativa, com muito trabalho. A campanha dos bonecos pela cidade prova que a política pode ser diferente. Vote N.J. nº _ _ _ _ para Dep Federal.*

Imediatamente após receber a mensagem, o Promotor Eleitoral acionou a Polícia Militar e lavrou boletim de ocorrência, tendo o próprio Juiz Eleitoral e todos os servidores do cartório como testemunhas. O combativo Promotor instaurou um procedimento criminal contra o político, por essa tal de "boca de urna".

E não parou por aí. Algumas horas mais tarde, um eleitor compareceu ao cartório eleitoral, e ao ficar sabendo do que havia acontecido, mostrou ao Promotor Eleitoral uma mensagem que

havia acabado de receber em seu celular do mesmo candidato. Foi tudo parar no processo, é claro.

E, por fim, o candidato que não era nada bobo, tratou logo de aceitar uma tal de transação penal, pagando uma pena pecuniária para o Conselho da Comunidade daquela cidade. E, ainda, ligou para o celular do Promotor Eleitoral para se desculpar...

Diligências

Raul Motta Moreira
Analista Judiciário (aposentado)
Ex-Diretor-Geral do TRE-MG, nos períodos de
18/06/59 a 18/02/62 e de 24/03/75 a 30/11/76

As eleições municipais se aproximavam, com muitas reclamações. Comunicações precárias, muitas vezes o posto telefônico era manobrado por uma das facções políticas. Nestas condições, fui apurar um problema entre um Escrivão Eleitoral e um candidato encrenquina.

Embarcamos na Rural Willys azul e branca, tendo na direção o Joaquim Braga e por auxiliar o Zocrato. Partimos para a longínqua zona, quase na Bahia. Levei altímetro e bússola, tudo anotando em meu caderno: relevo, pontes, altitude, horário... À noite chegamos à cidade pólo da região. No restaurante fui reconhecido pelo Juiz, com sotaque nordestino: - O senhor é doutor Raul? (Coberto de poeira, confirmei). - Depois do jantar, gostaria que o senhor traduzisse a mensagem telegráfica que recebi do Tribunal.

Li e reli a tal mensagem, por coincidência assinada por mim. Como nada entendesse, o Juiz alertou: - Quando o Tribunal tiver urgência, mande carta; telegrama passa pela Bahia...

Dia seguinte, à tardinha, um pneu traseiro furou. Joaquim e Zocrato partiram para a troca, mas o estepe também estava vazio: - Vamos ver se nalguma fazenda tem um jipe... Esperei por horas até que chegou a roda do jipe salvador... E prosseguimos. À noite, à luz do lampião, a proprietária da pensão avisou: - Doutor... estamos sem água... Para o banho, podem se utilizar do poço do rio aqui perto...

Dia amanhecendo, vesti o terno para a diligência. Terminado o trabalho fui recebido às gargalhadas pelo Joaquim e Zocrato: - Doutor, o tal poço tá seco... E sem banho, regressamos, não sem antes agradecer ao dono do jipe a valiosa contribuição à Justiça Eleitoral.

Dia seguinte, no Tribunal, chamei o motorista: - Veja, Joaquim... e se você estivesse conduzindo o Presidente ou Juiz da Corte? Não vou abrir sindicância... mas (segurando o riso) quero que escreva vinte vezes: "Antes de viajar, devo verificar o estepe".

Passada década, na ante-sala do gabinete um senhor de cabeça branca me interpelou: - O senhor é doutor Raul, não é? Convidei-o para um cafezinho: - Não... Só vim para dizer que toda manhã rezo para a sua felicidade. Nunca me esqueci do relatório que o senhor fez a meu respeito... Aquele Totoco era mesmo um encrenqueiro...

E trocamos, o velho Escrivão e eu, afetuoso abraço. Mas a tal diligência não termina aqui. Anos depois, aposentado, fui recebido no Tribunal, com largo sorriso, pelo Joaquim, que logo disse: - Doutor, nunca mais deixei de verificar o estepe do carro quando viajo!!!

O ilustre visitante

Paulo Henrique Patrício
Técnico Judiciário
034ª Zona Eleitoral de Belo Horizonte

Há sete anos, outubro para mim era o mês das crianças. Mas desde que entrei para o TRE-MG, tudo isso mudou. Outubro virou sinônimo de Eleições. Desde a primeira eleição que participei como servidor me sinto um tanto quanto deslocado quando não participo diretamente do processo eleitoral. E foi numa dessas andanças pelo interior de Minas que presenciei uma história que ilustra muito bem o clima das disputas eleitorais. Para quem é da capital e não conhece os meandros da política do interior, sobretudo nas eleições municipais, aviso que numa típica cidade do interior pode haver vários partidos políticos, mas no frígido dos ovos, haverá apenas duas facções - é uma espécie de Atlético e Cruzeiro no Mineirão, em final de campeonato contando apenas com um árbitro, dois bandeirinhas e um pequeno destacamento de policiais para manter a ordem. Peço a paciência do leitor, pois preciso de mais um dedinho de prosa para entrar na história em si. O Atlético e Cruzeiro do caso na verdade travava-se entre duas facções: "Pé liso" e "Pé Rachado". Advirto apenas que antes de praticarem qualquer injúria contra o árbitro da partida e seus auxiliares, fato que é comum no estádio de futebol, peço que considerem que na situação em questão cabia a mim e aos meus colegas de cartório eleitoral o árduo encargo de "arbitrar" esta disputa.

O caso aconteceu em um comício da facção dos "pés rachados". Um político de projeção estadual era a atração de tal comício. Os oradores locais se revezavam no microfone, todos aguardando a chegada do ilustre representante regional na Assembléia Legislativa. Eis que chega a notícia de que o deputado

sofrera um acidente a caminho da cidade, que estava bem, iria se atrasar mais um pouco, mas fazia questão de honrar seu compromisso de palanque. Todos na praça da cidade aguardavam ansiosos a chegada do figurão. Acontecimento que se deu cerca de uma hora após a notícia do acidente. Ele chegou e, amparado por seus partidários, subiu ao palanque. Aparentemente estava bem. Pegou o microfone e começou a narrar os fatos que antecederam o acidente:

- Povo da nossa amada cidade, estava eu vindo pela rodovia recentemente pavimentada pelo nosso estimado governador, quando um animal invadiu a pista e perdi o controle do carro que saiu da pista e chocou-se contra um cupinzeiro. Desci do carro, passei a mão pelo meu corpo verificando se estava faltando algo. Agradei ao Senhor e Nossa Senhora, pois tudo parecia bem - pausa dramática - foi quando resolvi tirar um dos meus sapatos e meu pé estava rachado!

E houve grande júbilo entre os partidários "pés rachados" presentes.

Colei fotos em títulos, vendo o dedo de Thomaz

Lamarck Costa Teixeira
Chefe de Cartório
262ª Zona Eleitoral do Serro

Quando criança, auxiliava a minha mãe, que era escritã, a colar fotos em títulos eleitorais. Na questão eleitoral, o Brasil está dando bons exemplos ao mundo. Mas o voto não deveria ser obrigatório. Em Guiné-Bissau o voto não é obrigatório. Sei porque no ano de 2006 fui selecionado, juntamente com outros colegas, para auxiliar nas eleições daquele país africano. Enigmático foi que, alguns dias antes de ter sido selecionado, tive um sonho esquisito de estar em um país distante. Uma imagem desse sonho ficou recorrente: um homem negro com o dedo indicador manchado de azul. Ficamos por lá aproximadamente setenta dias. No dia das eleições, quando Thomaz, o nosso motorista, chegou à pousada onde estávamos, o então Diretor-Geral disse a ele: - Thomaz, pode votar primeiro. Thomaz respondeu que já tinha votado e levantou o dedo indicador que estava manchado de azul, assim como no sonho que tive. Era a mancha da tinta indelével. Só sai daí alguns dias e é a prova de que o eleitor votou. O que eu não sonhei foi com a minha passagem pela região de OIO, para onde fui destacado, apartado dos meus colegas que ficaram na capital Bissau. Assim como na capital, na região de OIO também não havia luz elétrica nas ruas e quem a tivesse em casa era pela sua boa condição financeira que permitiu a compra de um gerador. O local onde dormi naquela noite constituía-se de diversos quartinhos, um ao lado do outro. Após o jantar, que foi em outro local, lá pelas 20h, retornando para o meu quartinho, tive que atravessar, sozinho, um largo com aproximadamente 200 metros de diâmetro. Tudo bem se não fosse pela noite que estava muito escura. Lanterna em punho, tive uma

sensação esquisita de estar sozinho naquele largo na África de terra vermelha. Quando estou a uns vinte metros do cubículo onde dormia, vejo bem na minha frente um homem negro, dois metros de altura, no mínimo, saúde para dar e vender, totalmente despido. Fiquei inseguro. Nem quis observar os detalhes. Será que aquele elemento está com más intenções? Não. Lógico que não. Nem o conhecia. No entanto, não me aproximei. Como o indivíduo não arredava pé e já havia algum tempo que perambulava pelo largo sem rumo, tomei coragem e fui em direção ao meu quartinho. Ao perceber a minha aproximação, aquele senhor, enorme, afastou-se, adentrando-se em outro aposento. Deduzi então que estava apenas se refrescando do intenso calor africano. Quando cheguei a Bissau cometi um grande erro. Contei aos meus colegas o ocorrido. Que arrependimento! Até hoje perguntam-me se provei ou não da Malzbier do negão. Deus me livre e guarde! Não foi daquela vez e nunca será. Estive em OIO a trabalho.

Coisa de louco

Sandra Cintra de Souza
Técnico Judiciário
Seção de Controle e Registros Eleitorais/SJU

Trabalhava na Seção de Apoio à Propaganda Eleitoral, fiscalizando propagandas irregulares. As denúncias não paravam de chegar e vinham de todas as regiões desta cidade. Nunca imaginei que BH fosse tão grande!

Éramos dois por equipe: eu e um motorista. Para o serviço levava uma câmera fotográfica, uma prancheta e uma boa dose de coragem, pois, muitas vezes, chegávamos a lugares aonde nem mesmo nosso anjo da guarda iria.

Lembro-me de um sábado em que fomos a uma "comunidade" de dar medo no Batman. Lá chegando, vimos um sujeito mal-encarado, com um revólver na mão, que pensou que fôssemos da polícia. Fugimos de ré, mesmo porque o beco era tão estreito, que não dava para manobrar o carro. Retornamos ao quartel-general e só parei de tremer após minha alma chegar, 10 minutos depois.

No domingo, sete da matina, mal refeita do susto da véspera, sonolenta e míope, retornando ao trabalho, imaginei ter visto na frente da casa onde ficava minha seção um homem remexendo o lixo que ali estava esparramado. Parecia gritar com alguém, que eu não identifiquei. E quando cheguei mais perto, percebi um detalhe, que fez toda a diferença: ele estava nu! Ia e vinha pela rua afora, gritando e com um saco de lixo na mão.

O porteiro, apavorado, trancou o portão e entrou na casa, deixando-me de fora, sem ninguém na rua para me ajudar. O louco veio em minha direção, abaixou-se, começou a catar o lixo

TRE-MG

colocando-o no saco e neste instante agarrou meu pé para fazer o mesmo. Achei que este seria meu triste fim: ir para o saco. Mas, de repente, mudou de idéia e resolveu ir embora.

Isso tudo aconteceu apenas em um fim de semana, coisa quase normal para quem trabalhava com fiscalização de propaganda eleitoral.

Vestir a camisa do Eleitoral no interior de Minas

Vianey Guimarães de Souza Araújo
Técnico Judiciário
215ª Zona Eleitoral de Pedro Leopoldo

A costumeira hospitalidade, o cheirinho do café passado na hora, o pão de queijo, as carroças que ainda passam pelas ruas, a tranquilidade das praças e seus bancos, os quitutes que a toda hora nos são oferecidos. No interior, todos se conhecem e quaisquer reuniões de mesários, quer você queira ou não, são verdadeiros "eventos" para a sociedade local. Tenho saudades dos grandes colegas de trabalho, inclusive, os que já se foram, neste curto espaço de tempo de sete anos em que trabalhei no centro geográfico das nossas Minas Gerais.

São muitos os "causos", numa região onde a disputa política é acirrada, o Ministério Público "voraz" e a magistratura "nômade" em razão de promoções para a Capital; se fazendo necessária, muitas vezes, como aconteceu comigo, a presença da Polícia Federal. Mas o que mais me marcou foi o diálogo que tive com um candidato, que aqui vou chamar de Chico, boa pessoa, entretanto, sistemático e intransigente em suas convicções, foi ao cartório eleitoral no dia seguinte ao resultado das eleições de 2008 e tivemos o seguinte diálogo:

Chico: Ô rapazinho, vem cá faz favor. Você é estagiário?

Eu: Ô sô Chico, sou servidor do TRE.

Chico: TRE? Você quer dizer da Prefeitura, né?

Eu: Olha, somos funcionários do governo federal.

Chico: Mas então chama seu Chefe aí porque eu não fui eleito e lá no meu bairro só a minha família já bastava para me eleger Vereador. Como pode eu ter apenas um voto? E o da minha esposa e filhos?

Eu: Ô seu Chico, O Chefe do Cartório sou eu e a eleição foi feita com a maior lisura possível.

Chico: Gosto muito d'ocê menino, sempre atende a gente bem, mas a eleição aqui teve trapaça que eu sei, teve até urna jogada em lote vago. QUERO MEU VOTO DE VOLTA!

Eu: Mas, seu Chico, o seu voto e o dos seus eleitores já foram computados e enviados ao TRE.

Chico: CHAMA ESTE TAL DE TRE AÍ, POIS ELE NÃO É MAIS HOMEM DO QUE EU! (Respondeu seu Chico furioso).

Foi a situação mais embaraçosa que já enfrentei, mas pensei bem e respondi para o "Sô Chico": Todos nós fazemos parte do TRE. Porque, afinal, a Justiça Eleitoral está presente em todos os momentos do processo eleitoral, para bem administrá-lo, seja quando o eleitor exerce o sagrado direito de votar ou o de ser votado.

"Sô Chico" ficou emocionado e nos tornamos grandes amigos, ele não mais reclamou do processo democrático porque o ajudei em sua compreensão de mundo e de vida democrática.

Transporte e alimentação - Eleições de 1974

João Carlos Dantas de Brito
Analista Judiciário (aposentado)
Belo Horizonte

Início do governo Geisel, restos de filosofia eram ditados pelos simpatizantes do extinto Partido de Representação Popular.

Trabalhava na Procuradoria Regional Eleitoral, assessor do Dr. Antônio Amaro Filho.

Lei nova visava extinguir o curral eleitoral, proibindo os políticos que fornecessem transporte e alimentação para os eleitores. Transferiu o ônus para a Justiça Eleitoral. Aos transgressores - pena de no mínimo quatro anos de reclusão. O condenado, ia preso. Não eram conhecidos os termos "super população carcerária".

Numa pequena zona eleitoral o Juiz não requisitou, ou não recebeu verbas para a alimentação e transporte dos eleitores.

Adeptos de um candidato a Prefeito vieram do distrito para votar na sede. Ao final do dia, sem transporte e alimentação, foram para a porta da sua casa, clamando fome e condução para retornar às suas moradas.

Sem saída, o político mandou servir um lanche e contratou um caminhão para conduzi-los de volta. Foi eleito.

O candidato derrotado era afilhado de um Deputado Federal do ex-PRP (líder Plínio Salgado).

O chefe, que forneceu transporte e alimentação cobrindo lacuna da Justiça foi condenado a quatro anos de reclusão e o processo em grau de recurso foi para a Procuradoria.

Tão logo chegou, chegou o Deputado, e o Dr. Amaro atribuiu-me a tarefa de recebê-lo.

Recebi o Deputado algumas vezes, que exigia a condenação do chefe político. Chegou dizer que o Procurador demorava com o processo. Narrei ao Dr. Amaro, que foi categórico -- se este Deputado voltar aqui, diga que --- " quando um processo cuida da liberdade de pessoas, o Procurador fica com ele o tempo necessário".

Não deu outra, voltando o Deputado, repeti as palavras do Dr. Amaro, e o homem que já era vermelho de natureza, saiu mais vermelho ainda, ameaçando o Procurador de cassação.

O parecer opinou pela nulidade do processo, pois funcionara apenas um advogado na defesa, e existindo outros réus - motorista, padeiro, etc... as defesas eram conflitantes.

O Tribunal declarou a nulidade e mandou arquivar o feito.

O Deputado nada fez, ou se tentou não conseguiu, nunca mais voltou, e o Procurador continuou trabalhando com sua costumeira dignidade, independência e competência.

Papai Noel cidadão

Beatriz Maria do Nascimento Ladeira
Técnico Judiciário
328ª Zona Eleitoral de São João Del Rei

Eleições Municipais. Um jovem de vinte e poucos anos se disponibiliza a colaborar com a Justiça Eleitoral e se cadastra para exercer a função de técnico de apoio.

O local de votação disponível fica situado na periferia de uma grande cidade, com 18 seções eleitorais, bairro carente, região violenta. Não havia outros voluntários, mas aquele jovem não se intimida. Cidadão consciente, sabia da importância de sua colaboração para que a Justiça Eleitoral, por meio do seu trabalho voluntário, pudesse viabilizar as eleições e promover o fortalecimento da democracia.

E a eleição transcorreu tranquila naquele local. Ao fim da votação, o rapaz recebe dos presidentes de seção as sacolas contendo o material das seções eleitorais, coloca-as em um saco de plástico grande e parte em direção ao cartório eleitoral. Um saco grande demais para um tipo tão franzino...

A Junta Eleitoral aguarda ansiosa a chegada das últimas mídias a serem apuradas. E eis que aponta o rapaz com o enorme saco nas costas, contendo as sacolas da eleição.

Alguns brincam: - Papai Noel chegou!

E, tal qual o bom velhinho, aquele jovem "cidadão" chega trazendo para a Justiça Eleitoral, de presente, a esperança daquela população tão carente e sofrida, depositada nas urnas. Esperança

TRE-MG

de eleger representantes que sejam capazes de transformar aquela realidade...

Aconteceu em Pompéu

Geraldo Hamilton de Menezes
Juiz de Direito (aposentado)
Ex-Juiz Eleitoral de Rio Paranaíba (1985) e
Divinópolis (1990)

Enoque sempre exerceu com competência o ofício de raspar ou aparar barbas e cortar cabelos. Ademais era um mulato bem apessoado, simpático e bom de prosa. Sempre trabalhou ouvindo e cantarolando boleros. Por essas particularidades sua barbearia tinha numerosa clientela.

Um dia, enquanto aparava o cabelo do influente político "Zé do Heli", reconhecido admirador de suas qualidades pessoais, foi por ele aconselhado a candidatar-se a Vereador. Só a clientela o elegeria - argumentou "Zé do Heli", justificando de antemão que não lhe daria votos porque tinha compromissos eleitorais com um velho candidato.

Entusiasmado, Enoque analisou os "prós e contras" criou coragem, filiou-se ao partido político do Prefeito Municipal e registrou sua candidatura. Aproximavam-se as eleições municipais. Matutando sobre como angariar votos de fregueses de outras agremiações políticas, decidiu pela compra, negociando a promessa de votos por cortes de barbas e cabelos. Na véspera das eleições ele fez um balanço dos supostos eleitores beneficiados com gratuidade, tudo anotado em um caderninho. Seu entusiasmo cresceu: nas suas contas teria votos suficientes para a eleição de dois Vereadores do partido. Apesar de convencido de que seria eleito, prosseguiu com a gratuidade na barbearia, pedindo votos para seu compadre, também candidato, cuja campanha política não era encorajadora.

Vieram as eleições. Enoque, entusiasmado, gabava-se perante amigos de que além de ser eleito, elegeria seu compadre. Recomendou à sua mulher que votasse no compadre. Consumada a apuração, a surpresa: Enoque não obteve sequer um voto. Indignado com o resultado nas urnas, praguejou contra os falsos amigos e pediu recontagem dos votos da seção onde votara, ao argumento de que houvera fraude na apuração, eis que nem seu voto pessoal fora encontrado. Recontagem infrutífera; nenhum voto a seu favor. Nesse momento apareceu no salão do Fórum, onde as apurações eleitorais eram finalizadas, seu compadre, que abraçando-o calorosamente, exclamou:

- Compadre, fui eleito por um voto, o seu! Deus lhe pague!...

Só então Enoque lembrou-se de que havia votado no compadre.

"Tá tudo dominado"

Vivianny Kerin Lopes
Técnico Judiciário
043ª Zona Eleitoral de Boa Esperança

Meados de setembro, menos de 15 dias das Eleições Municipais de 2008, partimos de Boa Esperança rumo ao Município de Ilícinea para a realização de mais um treinamento de mesários - evento de grande relevância dentre os atos preparatórios das eleições.

Tudo preparado: urnas, técnicos, prédio público requisitado, mesários convocados, etc.

Nada poderia dar errado! Dividimos a equipe, delegamos tarefas, enfim, "tá tudo dominado."

De repente ... no fim da tarde... o tempo "vira"!

- Épa! Vem chuva por aí! - Mas, não há de ser nada!

Chegando ao local de treinamento... os primeiros pingos de chuva começaram a cair!

Às 19 horas iniciamos o treinamento sob forte tempestade! Muito vento, chuva e granizo!

No meio da confusão, alguém brincou:

- São Pedro ficou chateado porque não foi convocado!

Risos....

Um "pique" de energia fez com que o LED de bateria interna das urnas acendesse. Boa oportunidade para testá-las!

Outro "pique" e ficamos preocupados!

Mais um... e ficamos na total escuridão!

TRE-MG

Concluimos o treinamento sob luz de velas e com a agradável sensação do dever cumprido, afinal de contas...

..."tá tudo dominado"!!!!

Tinoco, Titoco ou Pitoco

Wagner Guerreiro
Juiz Eleitoral, no biênio 22/09/2011 a 21/09/2013
277ª Zona Eleitoral de Uberaba

A campanha eleitoral estava nas ruas e a cidade fervilhava. Neste clima, cheguei e assumi as funções de Juiz Eleitoral. Era agosto de 1992.

Já no outro dia, percebi o tamanho da encrenca. Alguns graúdos da cidade promoveram a entrega de cestas básicas na periferia. Crime eleitoral apenado com reclusão, foram surpreendidos e levados à Delegacia. Dentre os conduzidos, para minha surpresa, estava a mulher do ex-Prefeito da cidade.

Agi com energia! Todos, inclusive a distinta senhora, deveriam aguardar em celas pelo arbitramento da fiança.

Foi um alvoroço! Em pouco tempo os advogados já estavam à minha porta. Após os trâmites legais, os pobres foram liberados sem fiança; a distinta senhora, porém, só saiu após pagar fiança de vinte salários mínimos.

A fiança foi paga por volta de 23 horas. Em razão do horário, fui pessoalmente levar o alvará de soltura. Lá chegando, constatei o tumulto que a prisão havia causado. Entre adeptos e desafetos, centenas se espremiavam à porta da Delegacia.

Minha entrada foi sob vaias. A saída foi ainda pior! Uma multidão se aglomerou à frente do meu carro. Tive que deixar o local em marcha ré. No caminho até o Fórum, ouvi o espocar de fogos ao longe. A distinta senhora estava em liberdade!

Passado o susto, a rotina foi retomada e a campanha eleitoral seguiu mais calma. Com a prisão do peixe graúdo, correram os lambaris!

Veio o dia da apuração! Tudo em cédula de papel, sendo enorme a confusão. "Tinoco" era um dos candidatos a Vereador, um outro registrou-se como "Titoco" e um terceiro disputou o pleito com a variação "Pitoco". Nas inúmeras garatujas contidas nas cédulas, era difícil apurar se o voto ia para Tinoco, Titoco ou Pitoco.

Apesar de tudo, a apuração chegou a termo e consagrou a vitória daquele que ocupava a quarta posição nas pesquisas. O candidato da distinta senhora, que contava vitória certa, terminou na terceira posição, mas, não se fez de rogado. Passou a dizer pela cidade que o Prefeito eleito havia dado um Versailles de presente ao Juiz Eleitoral.

Deixei a cidade dois meses após, no mesmo Voyage em que cheguei! Se a prisão da distinta senhora interferiu no resultado daquela eleição, não sei dizer. Do episódio, porém, ficaram as lembranças e as lições deixadas pelo arroubo daquele magistrado em início de carreira.

Ah! Tinoco, Titoco e Pitoco não foram eleitos Vereadores.

Documento de identidade... com foto

Marcus Vinicius Corrêa Maia
Chefe de Cartório
082ª Zona Eleitoral de Conceição das Alagoas

Nas Eleições Municipais de 2008 eu trabalhei numa pequena cidade que fazia parte de nossa Zona Eleitoral. Cidade pequena, pessoal mais simples, mas não menos gentis, como típico mineiro do "*interiorzão*", mesmo. E eu lá, no suporte aos mesários, fiscais e cidadãos, fazendo a "ponte" com o cartório eleitoral na cidade sede.

Normalmente o que eu mais fazia, em relação aos eleitores, era orientar quanto a qual documento era necessário portar para o exercício do voto: "*Documento original e oficial de identidade com foto, como por exemplo carteira de identidade, de habilitação, de trabalho, passaporte,...*", era já o meu mantra naqueles momentos.

A certa altura do dia, tudo correndo bem, graças a Deus, me chega um tipo bem típico, digamos assim (com o perdão da redundância e/ou pleonasma), já homem maduro, com suas feições denunciando a rudeza da vida que levava. Desdobrando um já amassado e amarelado papel, com as dobras bem definidas pelo uso e pelo tempo, me pergunta se poderia votar com aquele documento - era sua certidão de nascimento:

- "Infelizmente, não, senhor. É que a certidão de nascimento, embora seja documento oficial, e no seu caso, original, não tem foto."

O eleitor, não sei se resignado ou não, saiu, sem nenhuma palavra.

Mais tarde um pouco, novamente me vem o cidadão, com o mesmo e já por mim conhecido papel amarelo, amassado, dobras definidas, mas original, e, novamente o desdobrando, me questiona, num tom muito mais imperativo, de afirmação, que de pergunta:

- "Agora eu posso votar, né, 'dotô'?"

Quando eu olho, o eleitor tinha grampeado uma foto sua, 3x4, na certidão de nascimento....

Orêias e Braquiárias

Sueli Coelho da Cunha
Chefe de Cartório
256ª Zona Eleitoral de São João Del Rei

Este é um "causo" que aconteceu e acontece no Município de Lagoa Dourada-MG, onde há a rivalidade entre dois partidos, PSDB e PMDB.

O PMDB permaneceu por longos anos no poder em Lagoa Dourada...

Ocorre que em 1976 houve uma histórica virada e o PSDB venceu as eleições, derrotando aquele grupo político (família Resende) que sempre comandou a cidade.

Em 1982, em outro pleito, os aliados e candidatos da facção vitoriosa de 1976, lançaram a bandeira eleitoral de que eles representavam a classe menos favorecida (mais pobres) e os Resende (a sua maioria fazendeiros e criadores de jumentos da raça "pêga", de enormes orelhas, criação genética local) representavam os ricos. Daí, quando se reportavam aos integrantes do PMDB os chamavam de "ORÊIA" e essa expressão "colou"...

Nesta mesma época, um militante do PSDB teria "soltado" a seguinte máxima: "*Cuidado com nós! Nós lastra igual BRAQUIÁRIA (um tipo de capim que alastra com facilidade)*", ficando assim enraizada esta identidade para aquele grupo político, "os braquiárias".

Essa rivalidade prevalece até hoje e virou uma marca das duas tradicionais facções políticas de Lagoa Dourada, "*BRAQUIÁRIA E ORÊIA*".

O "causo" do Pica-pau x "Corta guéla"

Luanda Gonzaga Evangelista
Chefe de Cartório
233ª Zona Eleitoral de Resplendor

Meu "causo" aconteceu na Cidade de Ituêta e é sobre os partidos políticos da cidade. Há muito tempo, o povo de lá formava dois grupos sempre que tinha eleição. E nesse período era uma bagunça na cidade. Era um mexendo com o outro na rua. Amigos viravam inimigos. Cada vez tentavam inventar alguma coisa pra provocar o outro lado. Sobrava até pra quem não tinha lado porque se um irmão ou parente seu era de um lado, todo mundo entendia que você também era. E chovia provocação... Um dia, bem no meio do comício, um sujeito do outro lado, entrou no meio da multidão vestido com as cores do "lado" dele e começou a xingar o pessoal. Num instante virou briga e um rapaz mais valente, tirou a faca do bolso e passou no pescoço do sujeito. No dia seguinte, todo mundo já falava no assunto: "Você viu? Cortaram a goela do sujeito." E quando iam perguntar sobre eleição, uns já comentavam: "Sou do lado dos "corta guéla". Então os "corta guéla", agora que tinham um nome, começaram a provocar o outro lado ainda mais. Até que fizeram uns cartazes com desenho de um passarinho, tipo um pica-pau, todo depenado, coitado, pra zoar o pessoal do outro lado. E o pior, é que o outro lado gostou do negócio. E já se escutava na rua: "Sou pica-pau!", "Dá-lhe pica-pau!" E assim foi e é até hoje. Em época de eleição, quando perguntam qual o seu partido político, ou você é "pica-pau" ou você é "corta-guéla".

Ressaca de eleição

Kênia Isonilda Pinheiro e Eleutério
Analista Judiciário
270ª Zona Eleitoral de Teófilo Otoni

Finda a eleição, candidatos vencedores empossados, paixões políticas restabelecidas, e eu de ressaca. Exatamente! Ressaca de eleição: corpo febril e todo doído, cabeça oca, um zumbido no ouvido esquerdo, um incômodo que inicia na nuca e responde na cacunda; e junto a tudo isso uma sensação inebriante de dever cumprido e uma vontade doida de estar na praia...

Não sei se você, servidor da Justiça Eleitoral, já foi acometido desse mal, mas ele costuma aparecer de dois em dois anos, e é mais bravo em eleições municipais. Mais parece maleita mal curada! E para sarar, no caso de nós, mineiros do interior, só mesmo passando uns dias na praia, descarregando todas as mazelas nas águas mornas do Atlântico.

Pois é. Justamente quando já acalentava o desejo de passar uns dias no litoral da Bahia, foi que me lembrei do trem do radialista. "Aimeudeus"!... Só agora me dei conta que não havia notificado o cidadão da rádio da decisão do Meritíssimo Juiz Eleitoral. Mas também, brasileiro tem cada uma! Eta povo de imaginação fértil. Não é que alguns dias antes do pleito, no auge dos trabalhos eleitorais, compareceu pessoalmente ao cartório eleitoral, um conhecido locutor de rádio, com muito prestígio na comunidade, para protocolizar um requerimento, que se não me falha a memória, era mais ou menos nestes termos:

"Ao Meritíssimo Senhor Juiz Eleitoral.

Eu, Demétrius Brasileiro, mais conhecido como Leleco da Rádio, venho através deste pedir ao Senhor Juiz o seguinte: tendo

em vista ser esta uma eleição municipal, e os candidatos a vereadores e prefeitos no nosso município são conhecidos por fazerem qualquer coisa para ganhar a eleição, inclusive desrespeitando a lei eleitoral, pode ter muitos candidatos comprando votos e agindo de má fé, como acontece sempre em época de eleição. Então, eu como radialista, e por estar sempre em contato com o povo e saber de seus anseios, peço ao senhor juiz que tome a medida de determinar que todos os candidatos a prefeito e vereador, sem distinção, sejam obrigados a usar uma TORNOZELEIRA ELETRÔNICA, para que a justiça possa controlar e saber os passos deles, para que não saiam por aí fazendo malfeitos. Esta medida, creio eu, é muito melhor e mais eficaz do que a Lei da Ficha Limpa, que nós brasileiros de bem fizemos valer no nosso país. É só isso que eu e todos os meus ouvintes pedimos ao senhor juiz. Desde já agradeço e aguardo deferimento".

Não acreditava que algo mais pudesse me abismar nestes muitos anos de lida eleitoral, mas confesso, me surpreendi. E aí é que tá! Na correria da eleição não fui diligente em notificar o Sr. Leleco da Rádio da decisão do Juiz.

E a resposta do Meritíssimo Senhor Juiz Eleitoral ao pedido do cidadão?

Ah! Isso são outros causos...

Urna desaparecida

Vilma Sinnott Esteves
Técnico Judiciário
154ª Zona Eleitoral de Juiz de Fora

Naqueles tempos de urna de lona e voto com cédulas não se usava esse palavreado que hoje o TSE usa para certas atividades, como "inseminação da urna" e "depuração do cadastro eleitoral". Não, estes eram termos usados lá na fazenda e queriam dizer sobre o gado ou a saúde do povo, então não houve confusão no treinamento de mesários.

Eram cinco horas da tarde de uma eleição municipal - ânimos aflorados, local da apuração apinhado de candidatos, curiosos, membros das Juntas, servidores dos cartórios, Juizes e a imprensa.

Os mesários chegavam pouco a pouco e a apuração começou, sob aplausos de alguns e a raiva dos que não recebiam votos.

O tempo passava e tudo parecia caminhar para o final do trabalho daquele dia. Mas só parecia, porque alguém gritou: falta uma urna...

Revisão feita, foi descoberta a seção da urna ausente, sob correria de Juiz, sirenes da PM, da Polícia Federal... confusão...

Só depois de muito procurar, é que se esclareceu: o amor também foi eleito naquele dia de intenso convívio e calor: O presidente e a mesária, sob a forte emoção da descoberta, foram comemorar num motel e levaram a urna.

TRE-MG

Felizmente, para o bem geral do município, todos os votos foram salvos e apurados! Mas a história virou notícia na cidade por longa data.

Jandira Dixit à boca pequena

Mateus Tavares Rabelo
Analista Judiciário
Assessoria Jurídica da Diretoria-Geral

Jandira dedicou sua vida ao Tribunal Eleitoral mineiro. Solteira, gostava de gatos e não tinha vergonha de mostrar seus cabelos brancos e sorriso farto. Respeitada com carinho pelos colegas, trabalhou na mesma unidade por mais de vinte anos, onde cumpria seu ofício com seriedade, afincos e pontualidade britânica.

É verdade que às vezes Jandira tinha comportamentos pouco convencionais, como cumprimentar todos nos elevadores, cantarolar pelos corredores ou conversar com plantas e passarinhos. Mas o que viria a acontecer nenhum dos seus colegas poderia supor. Alguns dizem que foi um surto, outros uma iluminação, falam em palhaçada, tem quem se recusa a tocar no assunto e muitos apenas dão risada sobre o acontecido, como se nada tivessem com aquilo.

Não se sabe se a mudança teve relação com os vários livros de auto-ajuda e de gerenciamento de pessoas que havia lido na época, o certo é que Jandira, num belo dia, resolveu que não aceitaria mais ordens de ninguém e que seria ela mesma quem iria decidir qual seria o seu trabalho. E decidiu que o seu trabalho seria tornar a vida dos seus colegas de profissão melhor.

Sem lotação fixa, escolhia a cada dia um novo lugar e, ultrapassando a jornada diária, utilizava diferentes métodos de abordagem a cada público alvo. Gostava especialmente da técnica do cafezinho com o pão de queijo. As vendas da Avon também a ajudavam na sua nova função. Ouvia lamúrias, dava conselhos, contava piadas, enfim, fazia de tudo para descontrair o ambiente.

Sucedeu que, num desses vai e vem, Jandira resolveu investir no estudo da moda e errou a mão na costura, justo em ano eleitoral.

No início foi tudo bem. Armada de ufanismo, Jandira se vestia diariamente inteira de verde e amarelo, apenas com algum detalhe em vermelho, a revelar seu orgulho mineiro. Um ou outro resabiado ou apressado reclamava, mas a maioria dos colegas ouvia com interesse as novidades e argumentos da Jandira.

O "trem" foi que chegou o verão e Jandira, percebendo que o uso de qualquer roupa seria irracional naquele clima, resolveu andar somente nua. Sem nada da cabeça aos pés, sequer anel. Jandira explicou a poucos a justeza e conforto do seu novo figurino.

Pelo sim, pelo não, em pouco tempo aposentaram Jandira. O motivo, fala-se à boca pequena, foi para não dar mau exemplo. As eleições transcorreram tranquilas naquele ano, noticiaram os jornais.

Real e imaginário

Maria do Rosário Andrade Chaves
Técnico Judiciário
Seção de Auditoria/SCI

A primeira providência que tomei, logo que completei 18 anos, foi solicitar o meu título de eleitor. Naquela época, eram necessárias duas fotos 3x4, sendo que uma delas ficava estampada no documento que, a partir de então, nos pertencia.

O TRE, em 1975, já se localizava na Av. Prudente de Moraes. Não me lembro em qual dos prédios, mas que fui prontamente atendida. Naquele momento eu não poderia imaginar que, anos mais tarde, estaria do outro lado do balcão, atendendo a população em busca do seu título de eleitor.

Lembro-me ainda que, na ilusão da minha juventude, poder ter um documento, que só era permitido aos maiores de idade, dava-me uma sensação de liberdade, de independência. Eram sentimentos que estavam, na verdade, ligados à obediência aos pais. Eu queria ser livre para fazer o que quisesse, sem saber realmente o que seria. Somente mais tarde pude perceber que ser independente e ter liberdade exigiriam muito mais que um documento, e que tais garantias pouco se relacionavam à idade do cidadão.

Interessante observar também a minha ignorância em relação ao direito e ao dever de votar. Se eu devia fazê-lo, assim o faria, pois na minha geração questionar era algo raro, uma vez que éramos educados para obedecer. Mais adiante no tempo me dei conta do quanto estávamos sendo manipulados. Vivíamos em um regime militar e ditatorial que nos permitia apenas eleger membros do Legislativo.

Hoje me lembro com saudades daquela época. O dia da eleição era uma aventura, pois toda minha família precisava caminhar até outro bairro para depositar os votos. Enfrentávamos filas, calor, sol ou chuva, mas no final tudo dava certo. Se nossos candidatos eram ou não eleitos, não fazia muita diferença, assim como não faz nos dias de hoje. O processo eleitoral busca se aperfeiçoar a cada dia, mas infelizmente os políticos estão sempre andando em círculos.

Missão 2K12

Manoel Vitor de Sousa
Chefe de Cartório
247ª Zona Eleitoral de Santa Maria do Suaçuí

Inicialmente pensei que não haveria nenhum caso interessante ou engraçado para contar sobre as eleições de 2012. No entanto, às vésperas do pleito eis que surge uma luz, aliás alguns foguetes, depois um telefonema e aqui está o caso; caso verídico, que ouvi, ou melhor, que deixei de ouvir, com meus próprios ouvidos.

Estávamos a menos de 20 dias da eleição e não suportávamos mais os carros de som, as buzinas e os foguetes e, como estes últimos estivessem perturbando bastante foi celebrado um acordo proibindo soltar foguetes, bombas ou outro artefato do tipo, ressaltando apenas os dias de comícios.

O fiscal *ad hoc*, que também foi o escrivão na audiência em que o acordo foi celebrado, viu logo que alguém iria sobrar nessa, e não deu outra! No dia 5/10/2012 começaram a soltar foguetes e o fiscal, que também é o autor do caso, verificou que já não poderia haver comício. Daí a pouco, o telefone toca, do outro lado da linha estava o MM. Juiz Eleitoral: "estão soltando foguetes na praça, verifique quem é e certifique", "sim, senhor, já estou indo", " ah, só mais uma coisa, a multa de R\$2.000,00 é por estouro..., é preciso certificar assim, por exemplo, um foguete de 3 estouros. Quase caí para trás. Não estava ouvindo aquilo! Ir para a praça, identificar o autor e contar os foguetes, aliás os estouros! Nome para a missão: 2K12, a missão inesquecível. Ainda bem que fiquei na praça cerca de 30 minutos e não houve nenhum estouro. Ao contar o episódio para um colega, que me viu na praça, a

TRE-MG

gargalhada foi imediata, e então a idéia pipocou, aliás estourou, e aqui está o caso.

Final de cadastro

Wilma Nádia Almeida
Auxiliar de Cartório
212ª Zona Eleitoral de Peçanha

A minha cidade sempre foi pacata e tradicional. Há uns anos, naquele agito de cadastramento, já tinha mais de quinze dias que estávamos trabalhando direto - éramos cinco no cartório, todos muito cansados -, e era o último dia para regularização do título eleitoral.

A fila enorme com mais de 100 pessoas se estendia pelas ruas tortas e mal iluminadas que circundam a praça do fórum. Já eram mais de 9h da noite quando chegou um casal bastante simpático.

Eu atendi um e meu colega o outro. A pessoa que eu atendi era delicadamente feminina, mas estava vestida sem aquele exagero, um brinco não muito grande, de maquiagem moderada muito bonita, até elegante. Naquela época não tínhamos guichê, era um balcão muito alto, o que não nos permitia visualizar a pessoa por inteiro e, como estávamos muito ocupados, não tínhamos tempo para observá-los chegar. Por isso, me eximo de descrever seus modos ao andar, seus sapatos que sei são itens muito importantes ao descrever uma mulher.

Quando ela me deu os documentos eu vi que era um nome tipicamente masculino, mas pensei que ela me havia entregue o documento da outra pessoa e, cautelosamente, fui preenchendo os dados. Meu colega que estava ao meu lado começou atender o outro.

A que eu estava atendendo quebrou o silêncio e disse:

- Quando eu fiz o título pela primeira vez, eu tinha 18 anos e não me pediram certificado de reservista.

Como eu não disse nada, meu colega imediatamente interferiu:

- Mulher não tem certificado de reservista.

Prontamente, mas sem alterar o tom de voz ela respondeu:

- E quem disse que eu sou mulher?!

Foi aquele silêncio total.

Até hoje brincamos sobre esse final de cadastro, que ficou na história.

A Eleição da minha História

Ana Lúcia Soares
Auxiliar de Cartório, no período de 04/07 a 19/12/2012
288ª Zona Eleitoral de Ibirité

"Eu não gosto de política". "Político é tudo igual". Quem nunca ouviu tais afirmações? Quem nunca usou uma dessas pérolas para justificar a sua parcela de culpa no catastrófico cenário político em que vivemos? Quem nunca se deparou com alguma manobra política, foi vítima neste mundo paralelo onde tem razão quem tem poder? Quem nunca foi tentado a se corromper por causa de um voto?

Eles são corruptos, ladrões, falsos, estrategistas... E nós o que somos? Meros espectadores. Vemos o nosso dinheiro ir pelo ralo. Ou melhor, pelas cuecas, pelas malas; ou por simples toques, ir parar em paraísos fiscais. E o que fazemos? Quem disse nada, errou. Fazemos muito. Elegemos o ladrão da vez. E ainda nos orgulhamos do direito de votar.

Este direito só será válido quando deixar de ser somente um direito histórico. Quando ele contemplar a geografia total do país, a ciência e principalmente a matemática na história de cada um de nós.

Na minha história hoje, as eleições ganharam uma conotação muito diferente de alguns meses atrás. O que era um problema virou a solução.

A história das eleições penetrou na minha história literalmente em todos os sentidos. E sinto muito orgulho de poder contribuir para escrever esta história, que apesar de não ser a ideal, com final feliz, não deixa de ser grandiosa e de extrema importância.

Causos por acaso

Ronan Oliveira Silva
Técnico Judiciário
Seção de Apanhamentos e Composição de
Notas Taquigráficas/SJU

Verdade é: Não há eleições sem eleitores, como não há eleições sem causos. E quem chegou com uns causos bons foi o Severino, que trabalhou numa Ação Global de entrega de títulos. Assim que chegou, no último dia do mutirão, e viu um filão, sua vontade era entrar de costas.

Depois de atender inúmeros eleitores, eis que chega uma senhora de uns 70 anos de idade e desesperada se assenta. Estava ansiosa por conseguir apor sua assinatura no título de eleitor. Com as mãos trêmulas, por várias vezes colocava a ponta da caneta sobre o campo de assinatura, tirava e dizia:

- Não vou conseguir, moço! Ai, meu Deus!

Severino a consolou dizendo que ela conseguiria e que dispunha do tempo que precisasse, mas pensou: os outros é que não têm todo o tempo para ficar esperando.

Foi então que ela deu os primeiros sinais de escrita. Severino elogiou:

- A letra da senhora está linda, perfeita. Olha aqui, estou lendo: Lindalva. A senhora já viu letra de médico como é? A gente pega a receita, dobra, vai à farmácia, e o que acontece? Fica a gente e o farmacêutico tentando descobrir o nome do remédio.

A humilde senhora sorriu, agradeceu e se despediu.

E a fila parecia nunca acabar.

Preocupado com a agilidade no atendimento, Severino perguntou à mulher de olhar vivaz que acabara de se assentar à sua frente.

- A senhora está esperando faz tempo?

- Há quatro meses.

Desconcertado, ele indagou:

- Menino ou menina?

- Meninos, um casal.

Severino prendeu os lábios, conteve o riso e atendeu a eleitora, que esbanjava alegria.

E assim, com fila, gente, conversa, histórias, cumpriu-se mais um dia, que se pode dizer de trabalho, porém divertido.

Porco morde?

Cynthia Fonseca Ramalho Fortes
Técnico Judiciário
088ª Zona Eleitoral de Conselheiro Lafaiete

Eleições municipais de 2008, cartório eleitoral a mil por hora, todos os servidores trabalhando compenetrados para que tudo saísse a contento.

Uma bela tarde chegou um cidadão, ao cartório, com o braço enfaixado pedindo para falar com a chefe. Era um candidato ao cargo de Vereador que veio de sua cidade, (a sede do cartório fica fora das cidades que lhe são jurisdicionadas), para informar que não poderia realizar o teste de alfabetização naquele dia porque tinha sido mordido por um porco. PAUSA.

Os servidores se entreolharam. E por mais que todos quisessem ficar sérios o riso ficou preso na garganta, e a chefe se manteve sóbria, equilibrada. Disse-lhe, então:

- Coitado do senhor, vamos falar com a Juíza para remarcar o teste.

Nesse ínterim chegou uma colega que estava almoçando e a chefe contou para ela o que tinha se passado. Ela disse que tinha acabado de ver o candidato almoçando no restaurante, comendo como qualquer pessoa normal, com garfo e faca. Todos se perguntavam: - "Afimal, o que estava acontecendo com o candidato?"

O sujeito viajou aproximadamente 70 (setenta) km para dizer que não podia fazer o teste, com um curativo, bem limpinho, que não tinha sequer um respingo nem que fosse de mercúrio que

dirá sangue, e nem para dizer que foi um cachorro que o tinha atacado. Foi muita criatividade para não realizar o teste. RISOS.

Durante todo o processo eleitoral o candidato foi alvo de uma investigação pelos servidores, afinal todos queriam saber se realmente - Porco morde?

Cachorro todo mundo tinha certeza, mas até aquela presente data, ninguém tinha ouvido falar sobre ataque de porco nem mesmo na televisão.

Assim o processo seguiu o curso normal, a chefe fez a certidão, enviou os autos para o Promotor que o devolveu para Juíza e, inevitavelmente, o processo ficou conhecido como o "processo do porco".

A Juíza remarcou o teste, mas o candidato entrou com recurso e conseguiu no TRE o direito de não realizá-lo. Ele não foi eleito.

O tempo passou e nas eleições municipais de 2012, o candidato retornou, só que dessa vez, em grande estilo, não precisou recorrer ao "porco", estudou e comprovou nos autos sua alfabetização.

E até hoje, no cartório, prossegue a investigação, entre os colegas se de fato - PORCO MORDE?

Alçando voo

Maria Fátima de Moura
Técnico Judiciário
Seção de Protocolo Geral/SGS

Trabalhando na Votação Paralela, certa vez, fui uma das pessoas escolhidas para buscar uma das urnas sorteadas. O destino era a Cidade de Uberlândia e a viagem seria de helicóptero, por isso meu pensamento voou bem alto! Eu tinha muita vontade de voar naquele curioso pássaro de metal e de ver as coisas bem lá embaixo, de maneira diferente daquela que se vê quando viajamos de avião.

Iria com mais duas colegas e um fiscal de partido. Costumo dizer que minha memória é curta e seletiva, portanto, por favor, não me perguntem o nome do partido, muito menos o nome do fiscal!

Diante do helicóptero, minhas pernas tremeram, mas sem possibilidade de voltar atrás, engoli o medo e entrei. Mais apavorada do que eu, estava a colega que se sentou ao meu lado. Cheguei a pensar que ela teria um treco! Colocamos os cintos e os fones e nos preparamos para a decolagem. A primeira sensação quando o helicóptero começou a sair do chão ainda foi de medo, mas quando ele já estava bem alto... Ah! Meu Deus! Nunca vi nada mais lindo! A visão era completa e não aquela, em pedacinhos, que a gente vê de dentro de um avião comum.

Lá em cima, pude ver aquele imenso tapete de algodão branco, sem nenhum pontinho de outra cor! O cenário era tão lindo que eu mal ouvia as palavras do piloto, apenas murmúrios de medo da colega ao lado, pois aquela fantástica pintura branca chamava tanto a minha atenção que não conseguia tirar os olhos dela. Ao

longo da viagem, mais paisagens deslumbrantes! Rios dos quais eu jurei ter ouvido os sons da água, florestas absolutamente verdes em vários lugares e plantações, aqui e acolá, que pareciam desenhadas por um projetista de tão certinhas!

Meus devaneios aéreos desapareceram quando o helicóptero começou a descer. No aeroporto de Uberlândia, uma pessoa do cartório eleitoral estava à nossa espera. Ela nos convidou a acompanhá-la até a sede da zona eleitoral para pegarmos a urna eletrônica e fazermos um lanche. Teria sido ótimo se o medo da nossa querida colega não a fizesse recusar o convite para o lanche. Ela só pensava em voltar antes do anoitecer e a pessoa que tinha ido nos esperar no aeroporto, meio desapontada, voltou ao cartório, buscou a urna e a deixou conosco, no aeroporto mesmo. Tudo resolvido, fizemos o caminho de volta.

Mais cenários deslumbrantes, outros devaneios aéreos e, na mesma rapidez, chegamos a Belo Horizonte.

Missão cumprida, urna entregue a salvo, o que ficou mesmo na minha memória foi a magnitude da natureza, colorida com pintura gestual do único artista capaz de fazê-la: Deus!

A festa da posse

Vivianne Rodrigues de Melo
Analista Judiciário
328ª Zona Eleitoral de São João Del Rei

Domingo de sol, no Calambau.

Naquele dia muita gente levantou cedo, afoita para a grande festa. Cidália, que estava na soleira da porta, a quentar sol, avistou a prima-irmã passar esbaforida, fazendo ploc-ploc com a sandália comprada no bazar da quermesse e perguntou:

- Onde *cê* já vai, Maria?

Maria, tão *piníuda*, com duas bolotas de ruge e cabelo pranchado, esnobou, cheia de si:

- Eu vou para a posse, minha *fia*... Não foi convidada?

- Eu não, olha *pro cê vê*. Não voto mais em ninguém!

- Diz que vai ter almoço e tudo. Vem até político de fora fazer discurso. Só gente *graúda* foi convidada! Festa de posse não é pra qualquer um, não, uai! Deixa eu ir, senão só pego rebarba.

Cidália engoliu saliva e foi ver o chuchu na panela.

Passa uma semana, avista Maria, muito magra e abatida, mas Cidália já sabia de todo o *larga barro*.

- Que é que foi Maria? Tá doente?

- Alguém da oposição deu um jeito de botar urucubaca na comida. Era pinga com mel e feijão tropeiro a vontade. A comida *freveu* na barriga de todo mundo. Até o Prefeito foi parar no soro! Fiquei *pra cima e pra baixo!!!*

- Ainda bem que não sou gente *graúda*...

Sô sortero, uai!

Geni Maria Peres Lobato
Técnico Judiciário
Assessoria Jurídica da Diretoria-Geral

Nas andanças pelo interior auxiliando cartórios eleitorais, estava em uma cidade pequena, de gente humilde e acolhedora. No atendimento a um eleitor, ao perguntar a ele se era casado, obtive a seguinte resposta:

- *"Sô não, senhora. Sô SORTERO!"* (letras garrafais em razão da convicção com que afirmou isso) "Mas aqui no cadastro consta que o senhor é casado. Isso não é verdade?", indaguei. *"É não, senhora. Fui casado com uma vagabunda, mas encontrei ela na cama com meu mió amigo"*. Eu disse: "Entendi, senhor. Sinto muito por isso. Então o senhor é separado?"

- *"Sô não, senhora. Sô sortero! Pra mode que pra eu separá dessa muié tem que pagá um adevogado e num vô gastá por conta de bandida"*.

- "Meu senhor, uma vez casada, a pessoa não volta a ser solteira. O casamento é algo tão sério que depois de casado, você permanece casado, separa/divorcia ou fica viúvo. Mas solteiro, nunca mais. Como o senhor ainda não se separou, vamos deixar casado aqui, ok?"

- *"Vamo não, senhora! Se eu ficá casado aí, a cidade toda vai mi chamá de corno manso. Ara! A muié me chifra e eu continuo casado? Sô sortero, uai!"*

- "Senhor, ninguém da cidade tem acesso a este cadastro. São informações sigilosas", esclareci. *"É nada! A senhora sabe e essas donas aqui também"*, protestou. E depois de mais alguns

minutos tentando solucionar o impasse, resolvi mudar o estado civil para separado. O ELO ainda não acompanhou as mudanças sociais. Não possui, por exemplo, união estável, tão comum nos dias atuais. Concluí: assim como amigado com fé, casado é, separado de fato, casado não é.

Continuando o atendimento, a coleta das digitais, em razão da biometria, foi difícil, tamanho o nervosismo do eleitor. Perguntei o porquê de ele estar tremendo tanto, ao que afirmou: *"cadiquê despois qui expursei a tal lá di casa, a sinhora é a primera muié qui pega minha mão"*.

No momento da foto, outra confusão! Por estar tão cismado com essa história de "chifrudo", tive que repetir o procedimento várias vezes, pois qualquer cabelinho arrepiado ele achava que parecia um chifre.

Quase uma hora depois, saiu o eleitor, devidamente recadastrado e satisfeito. E fiquei pensando na responsabilidade do servidor do TRE-MG que tem a honra de trabalhar na atividade fim da Justiça Eleitoral. Para a consecução da tão falada democracia, do atendimento ao eleitor ao pleito eleitoral, os procedimentos vão além daqueles técnicos e administrativos. Ficamos diante de pessoas que, em inúmeras vezes, expõem suas mazelas e/ou buscam atenção, razão pela qual é nosso dever estarmos abertos a ouvir e atender da forma mais humana possível.

"Causos" de processo eleitoral

Dídimo Inocêncio de Paula
Desembargador Aposentado
Juiz-Diretor do Foro Eleitoral de Belo Horizonte, no período
de 09/06/1994 a 01/02/2001
Integrou a Corte do TRE-MG entre 28/09/2001 e 16/04/2002

Estávamos em plena efervescência das eleições municipais a se ferirem no ano de 1988. Judicava eu então na sempre aprazível Comarca de Aiuruoca, onde a disputa política era ferrenha entre duas famílias: a família Senador e a família Arantes.

Na época, estava no exercício do cargo de Prefeito de Aiuruoca um membro da família Senador.

Vale registrar que o Prefeito apoiava como candidato às eleições de 1988 um dos integrantes do clã Senador, enquanto que o Presidente da Associação Rural e seu irmão, o Pároco, apoiavam candidato outro.

O culto e zeloso Prefeito interpôs então uma representação, informando que o Governo do Estado de Minas Gerais, através do DER - Departamento de Estradas de Rodagem, tinha enviado para o Município de Aiuruoca tratores, retro-escavadeiras e patrol e que as máquinas estavam executando obras nas estradas do município, atropelando a autonomia deste ente, uma vez que não tinha feito nenhum convênio com o Executivo. Narrou ainda que ficara sabendo que a Associação Rural de Aiuruoca, presidida então por um dos Arantes, de facção diversa da do Prefeito, fizera um convênio com o Governo Estadual, que era da mesma facção política do Presidente da Associação Rural, para envio das máquinas supra aludidas.

Diante da representação, determinei sua autuação, mandei ouvir o Presidente da Câmara Municipal sobre a existência ou não de Convênio, bem como o Presidente da Associação Rural e também o Pároco da Igreja da Nossa Senhora da Conceição, que era da família Arantes e irmão do Presidente da Associação Rural.

Sobrevieram as respostas, o município por seus poderes afirmando a inexistência de qualquer convênio e/ou solicitação de envio de máquinas para execução de obras em suas estradas, a resposta da Associação Rural informando que solicitara ao DER o envio das aludidas máquinas em razão de convênio celebrado entre a Associação Rural e o Governo do Estado e, a seu turno, a resposta do Pároco, afirmando que era importante para o município as obras que estavam sendo realizadas nas estradas de Aiuruoca.

Ouvi a então douta Promotora de Justiça, Dra. Solange Salgado, hoje abrilhantando a Justiça Federal como Juíza Titular da 4ª Vara Federal do Distrito Federal, que opinou pela realização de uma audiência.

Marcada a audiência, a ela compareceram o Prefeito e seu advogado, o Presidente da Associação Rural e seu patrono, o ilustre Pároco da Igreja de Nossa Senhora da Conceição e a representante do Ministério Público.

Ouidas as partes, considerando a invasão de competência do Executivo Estadual, uma vez que se tratava de estradas municipais, e considerando a inexistência de autorização do Executivo Municipal e da Câmara Municipal de Aiuruoca para a realização das obras questionadas pelo Senhor Prefeito Municipal, tomei a seguinte decisão: determinei a apreensão das máquinas, ordenando que as mesmas fossem mantidas no pátio que faz divisa entre a Igreja de Nossa Senhora da Conceição e o prédio do Fórum,

autorizando sua liberação após o término da apuração das eleições. Determinei ainda que a Polícia Militar mantivesse os referidos equipamentos em vigilância permanente.

Encerrada a audiência e decorridas aproximadamente duas horas, recebo através de portador um "bilhete em papel pardo - típico da época de embrulhar pão" da lavra do Senhor Pároco, dizendo-me que as máquinas não podiam ficar no referido pátio, vez que o mesmo pertencia à Igreja e em especial a Nossa Senhora da Conceição. Determinei a juntada do "bilhete" ao feito, com a respectiva conclusão.

Dúvida não tive, no verso do "bilhete" dei o seguinte despacho: Senhor Pároco, considerando o teor contido no anverso de seu bilhete, determino que Vossa Senhoria junte aos autos Procuração de Nossa Senhora da Conceição e, na impossibilidade de fazê-lo, procuração do representante da Igreja Católica no Brasil, *in casu*, o Núncio Apostólico, tudo isto no prazo de 5(cinco) dias.

Algumas horas depois, voltou o portador do Pároco para comunicar-me que as máquinas poderiam ficar no pátio de acordo com a minha determinação.

Evidente, que as máquinas ficaram ainda mais protegidas, pois sob o manto da concordância de Nossa Senhora da Conceição.

Trio Cidadania

Elza Rosane Soalheiro
Auxiliar de Cartório
039ª Zona Eleitoral de Belo Horizonte

Em evento comemorativo do aniversário de 80 anos da Justiça Eleitoral no Brasil, subiu ao palco o Trio Cidadania: o talentoso "Jequinha da Viola", "Rosinha Vocalista" e "Maria do Pandeiro".

O Trio Cidadania sabe que a minha história, assim como a história de vida de cada brasileiro, vêm sendo construídas, também, através de histórias de vidas de sucessivas gerações de habitantes, que vêm formando a nossa sociedade, com toda a sua diversidade e as suas transformações.

No show, os componentes do Trio, além de músicas e poesias, apresentavam as suas falas.

Jequinha da Viola, após declarar o seu orgulho de ter votado com a digital, disse: "Eta TRE danado de bão, sô! Aqui, tem é muita gente boa trabaiano, elessons póis elessons, e assim, é no Brasi todo... Aqui nas Minas Gerais, o sevidô pode trabaia pra Democraucia e, inda, pode mostrá uma pairte do que tem de bão e de mió no fundo do coração e da aima, prá mode tentá fazê e mostrá Airte". Com muita emoção, por último, ele gritou: "Parabéns Justiça Eleitoral! Parabéns Brasil!"

Rosinha Vocalista, 16 anos de idade, cantora desde criança, falou emocionada de seu primeiro voto e disse: "Viva o aniversário de 80 anos da Justiça Eleitoral!" e "Viva a História das Eleições no Brasil!".

Maria do Pandeiro, 73 anos de idade, poeta, saudou o público e disse ter orgulho de continuar votando.

A artista lembrou, com emoção, de fatos que marcaram a História das Eleições no Brasil - grande parte deles marcando também a minha história de vida. Ela citou: a criação do 1º Código Eleitoral, no ano de 1932; a conquista do voto feminino; a instituição do voto secreto; a retomada da Justiça Eleitoral; a luta e a dor de tantos cidadãos e cidadãs e, de suas famílias, em busca da democracia; a criação do atual Código Eleitoral; a nova Constituição Federal em 1988; a conquista das Eleições Diretas; O Pluralismo Partidário; a "Lei da Ficha Limpa". Ela ressaltou a importância das Leis Eleitorais e do combate às fraudes, citando a eficiente urna eletrônica. Para finalizar, parabenizou a Justiça Eleitoral e pediu, em nome do Trio Cidadania, que os cidadãos e cidadãs eleitos em 2012 governem o país em busca de melhor qualidade de vida para toda a população do Brasil.

Após aplausos e dizeres da platéia "Mais uma! Mais uma! Mais uma!", o Trio Cidadania apresentou outra bela música, composta entre artistas que escreveram, tocaram e cantaram, também em nome da democracia.

O Trio Cidadania despediu-se dando "Vivas" à Cultura Brasileira, à Responsabilidade Política e à Responsabilidade Social de todos nós.

O caso do Juiz roubado

Francisco Carlos Lacerda
Analista Judiciário
304ª Zona Eleitoral de Iguatama

Esta história aconteceu há muito tempo em Iguatama, a primeira cidade banhada pelo Rio São Francisco. Era o tempo em que os animais "falavam", como diria Fernando Sabino. Prova disso é que as mulheres ainda não podiam votar.

Havia um Juiz que apreciava muito bebericar aquela água que passarinho não bebe. Evidentemente, tal vício tinha reflexos em suas decisões judiciais. Até hoje, muitas pessoas ainda reclamam das injustiças que sofreram, dizendo que a justiça, além de cega, às vezes, é bêbada.

Pois bem. Num momento de lucidez, ponderando sobre as graves consequências de sua vida desregrada, esse Juiz decidiu parar de beber. Seria até possível que conseguisse manter-se firme nesse propósito, se estivesse em outra Comarca, mas aquela era e ainda é uma cidade peculiar.

Em Iguatama, por mais partidos que estejam ativos, eles sempre se polarizam em dois lados. E a disputa é ferrenha. Começa já no final do alistamento, quando um dos lados impugna grande parte das transferências de eleitores e chega ao registro de candidatura, quando, por vingança, o outro lado impugna todos os candidatos do outro.

Mais tarde, a tudo isso, juntam-se as reclamações contra divulgação de pesquisas inexistentes ou sem registro, pedidos de liberação de carros de som apreendidos por fazerem algazarra nas ruas, denúncias de transporte irregular de eleitores. Parece que

todos os artigos do Código Eleitoral são analisados pelos oponentes para tentar imputar ao outro lado uma conduta ilícita.

Imersos em quilos e quilos de papéis trazidos pelos advogados e assombrados por qualquer barulho a denunciar a aproximação de um deles, os servidores, a essa altura, já estão sonhando com o próximo concurso de remoção. E o Juiz também já começa a chegar ao cartório, esbravejando e proferindo palavrões de tanto ser perturbado pelos causídicos.

Mas, retornando ao caso do Juiz roubado, talvez tenha sido por isso que ele voltou a beber às vésperas da eleição. Os antigos moradores contam, em sua maneira pitoresca de falar, que os políticos locais, ávidos para agirem livremente, aproveitaram a situação e "roubaram" o Juiz. Dizem que, estando o magistrado pra lá de Bagdá, encapuzaram-no e vestiram-lhe, no lugar da toga, o que chamavam de "capa ideal". Essa "capa ideal" era o que os boiadeiros usavam para se proteger da chuva, montados nos seus cavalos. Após vesti-lo assim, eles o colocaram dentro de um trem que ia para o Triângulo Mineiro e fizeram a festa. Dizem que o Juiz acordou na Cidade de Unai e nunca ficou sabendo como chegou lá.

Informação de óbito

João Marcos de Oliveira Silva
Chefe de Cartório
076ª Zona Eleitoral de Carmo do Paranaíba

As eleições começam a "esquentar" já no final do alistamento, ainda no mês de abril. É nesse período que o cartório ferve. É um entra e sai sem fim de pessoas que deixaram para a última hora e enfrentam aquelas filas quilométricas quando muitas vezes nem é possível a nós, atendentes do cartório, observar rigorosamente os atendimentos prioritários da maneira como gostaríamos.

Foi numa dessas, que me aparece no cartório uma senhora, com idade aparentemente insuficiente para invocar em seu socorro o estatuto do idoso, mas que vai logo anunciando em altos brados que sofre de males capazes de catapultá-la ao primeiro lugar na fila. É dor na perna, no braço, no pescoço, fora o convalescimento de tantas cirurgias recentes, coitada, de cortar o coração, e logo já está sendo atendida.

Senta-se ao lado de outra senhora atrapalhada com um calhamaço de documentos dentro de uma sacolinha de supermercado que já estava sendo atendida na mesa e, reconhecendo-a, dispara:

- Dona fulana, há quanto tempo, fiquei sabendo lá nos Estados Unidos (todo mundo da pequena cidade do Alto Paranaíba e adjacências, se não está nos EUA, se não esteve nos EUA, quer ir para os EUA) que seu marido morreu.

A senhora, surpresa, ainda sem olhar para a outra:

- Cê tá doida? Ele tá vivinho da Silva, como é que falam uma coisa dessas? Esse povo fala demais. Foi ele quem me trouxe aqui para resolver o problema do meu "tito". É a segunda vez que ele me traz aqui hoje. Cê acredita que não aceitaram o meu registro de nascimento? Me fizeram voltar e trazer documento com retrato. É muita "democracia".

A furadeira de fila, sem noção:

- Pois é bom você se informar direito, ele morreu sim, foi no ano passado, deu até na internet, seu marido morreu sim.

Já sem a convicção, que atestara segundos antes a saúde de ferro do marido, diante da "notícia", a "viúva", esbaforida, abandona ali mesmo a sacolinha com os documentos que tanto revirava, e sai ofegante, derrubando os organizadores de fila e tudo o mais que vê pela frente, para ir conferir, enquanto a outra, após devidamente atendida, sai tranquilamente acenando com o título na mão, tagarelando como sempre, e por algum milagre que não sei relatar, também totalmente curada das doenças que antes a faziam mancar, arfar, gemer...

Segredo de justiça

Maria Luíza Teixeira Carvalho Mota
Auxiliar de Cartório
328ª Zona Eleitoral de São João Del Rei

Com a inovação do Tribunal Eleitoral, chegou a "Biometria" que para muitos ao invés de "recadastramento biométrico" se tornou "recadastramento biológico".

Em um dado momento do recadastramento, chegou um eleitor para fazer seu título, e começou a sabatina do servidor da justiça:

- Senhor, qual seu nome, seu endereço, enfim, aquelas perguntinhas básicas até que chegou a pergunta final:

- Senhor, qual o seu estado civil?

O eleitor pensou, pensou e disse:

Olha, como não pode mentir para a Justiça, vou dizer a verdade para a senhora:

- Tenho uma amante...

Logo depois de passar todos os dedos para tirar as digitais, o eleitor começou a tirar os sapatos... e perguntou para o servidor:

- Como faço para colocar os pés na mesa?

O servidor quase não conteve os risos e disse:

- Por que colocar os pés na mesa?

- Para tirar as digitais dos dedos dos pés, uai...

Não morreu ninguém

Gláucia Alves Goulart
Auxiliar de Cartório, no período de 03/09/2007 a 31/12/2012
328ª Zona Eleitoral de São João Del Rei

Deco do Zé Pinga era a voz daquela cidade.

Achados, perdidos e vários recados eram transmitidos diretamente da Casa Paroquial por aquele timbre fanhoso, que insistia em repetir os avisos exatamente por três vezes.

Mas o que mais chamava a atenção daquele povo eram as notícias de morte. Como um sonoplasta de um filme de suspense, Deco fazia os alto falantes tremerem com uma música fúnebre e lancinante, a ponto de golpear a alma dos ouvintes alertas, que logo em seguida prestavam atenção na nota de falecimento. A morte de algum fulano ou de alguma beltrana virava ibope durante muitos dias naquela cidade esquecida, e Deco sentia um estranho prazer em dar azo aos sentimentos mórbidos dos outros.

E por falar em morbidez, desde que a noiva o abandonara ao pé do altar, Deco só andava com trajes escuros, como se estivesse trancafiado para a vida. Nunca mais teve olhos para ninguém e só sabia cuidar de bichos. Dia de eleição era o único evento em que Deco do Zé Pinga punha roupa clara. Para ele era uma festa mais importante que o Natal e até pensava em candidatar-se a Vereador depois que saísse sua aposentadoria. Pelo menos o sacristão e o coeiro votariam nele.

Naquela eleição Deco nutria afinidade com o partido que detinha o poder e já estava afoito para votar no Tônico do Açogue Rios. Era só terminar a missa para exercer sua cidadania. Foi então que recebeu uma nota da Justiça Eleitoral, enviada às pressas pelo

Juiz, para avisar que a seção do sindicato iria funcionar na escola estadual.

Naquele momento algo mudou em sua vida. Foi como uma epifania. Deco se sentiu a pessoa mais importante do mundo. Nunca recebera recado de Juiz para noticiar alguma coisa em seus alto falantes e logo em dia de eleição!!! Naquele peito marcado pelos avessos da vida vicejou uma ponta de alegria ou esperança, talvez.

E como na obrigação de fazer diferente, depois do "ide em paz e que o Senhor vos acompanhe", resolveu colocar a música no último volume, para fazer-se um verdadeiro interlocutor da Justiça Eleitoral.

Eis que se esvai daqueles alto falantes velhos a triste e popular música de falecimento, ainda mais triste, de tão retumbante, que é possível dizer que toda a cidade parou, e até o padre voltou correndo para a igreja. Seria o pai da Cota da farmácia, que estava moribundo? Ou gente mais importante?

De repente a música foi interrompida de imediato e aos quatro ventos pode ser ouvida uma voz: "É AVISO DE ELEIÇÃO! NÃO MORREU NINGUÉM!!! NÃO MORREU NINGUÉM!!!"

Tiro pela culatra?

Hércules Gomes Júnior
Analista Judiciário
Chefe da Região Eleitoral Noroeste - RENORO, em Paracatu

1970, na pequena João Pinheiro pulsavam intensas rivalidades... MDB ou ARENA? Cruzeiro ou Atlético? Joaquim ou Manoel para Prefeito?

Meu pai, egresso de Morada Nova de Minas e do antigo PSD, por questões de amizades na nova cidade decidira migrar-se para a UDN, e sua sucessora ARENA, candidatando-se a Vereador. Na "aportuguesada" peleja majoritária estávamos com Manoel, contra Joaquim.

Criança, ainda com cinco anos, via o entra-e-sai de políticos em nossa casa e me aproximava para ouvir prosas que remoía para caberem em meu incipiente universo. Naquele maniqueísmo político em que vivia, passava em frente ao bar "Santa Cruz" (reduto do MDB) e sequer pisava na calçada por receio de retaliações que imaginava possíveis, poderiam, quiçá, me tomarem o valioso picolé de groselha.

As eleições corriam sem as regras e pudores de agora; eleitores lotavam carrocerias de caminhonetes em alvoroço; nos postes, à luz do dia, eram colados cartazes dos candidatos.

Nosso "Mané" Neto não ia tão bem na disputa, mas há poucos dias da eleição um fato inusitado mudou os rumos daquela pendenga. Numa madrugada, "Seu Mané" saiu como de costume pra sua fazenda Cachoeira e, no breu daquela hora, alguns tiros ressoaram em sua direção. Nenhum o acertara, cravando apenas a

lataria do veículo. O candidato escapara ileso, retornando às pressas para sua casa.

A notícia se espalhou e com ela a popularidade do político. Desde então alguns correligionários assumiam a guarda de "Seu Mané" e seus Vereadores, a ponto de vigiarem-lhes as casas. A oposição bradava, em vão, que os tiros foram desferidos pelo próprio candidato no intuito de comover o eleitorado. Seria mais um ato da famigerada raposice mineira?

Chegou o grande dia, os quartéis (locais onde os partidos acolhiam eleitores da zona rural e lhes forneciam comidas e bebidas) estavam abarrotados e o som do forró animava a "peãozada", eis a festa eleitoral!

Às 17 horas já estava este menino na porta do Fórum, com folha e lápis para anotar os resultados. Abertas as primeiras urnas (sim, as urnas se abriam!!) foguetes pipocaram por toda cidade. "Mané Neto" era o novo Prefeito com larga vantagem, não bastasse... meu pai se tornara o Vereador mais votado da cidade. Carreatas, músicas e gritos vararam aquela noite festiva.

Quanto ao incidente dos tiros, dizem as más línguas que perícia oficial constatou simulação, mas era tarde, as eleições haviam se passado e "Seu Mané", ainda por muitos anos, fez com tranquilidade seu caminho até a fazenda Cachoeira.

Identificação do eleitor

Anilza de Oliveira Silva
Auxiliar de Cartório
212ª Zona Eleitoral de Peçanha

As perguntas mais frequentes nos dias que antecedem as eleições são feitas sobre qual documentação pode ser apresentada na hora de votar. Moro e trabalho em uma ZE do interior. Como a nossa ZE tem 8(oito) municípios, portanto bem grande, pode-se imaginar que acontece de tudo. O telefone toca sem parar e, convenhamos, atender telefone não é tarefa fácil quando se trata de candidatos e eleitores com milhares de dúvidas.

Raramente se vê um balcão tão movimentado; são candidatos, eleitores, advogados, Promotor e Juiz. Para ajudar-nos, o TRE-MG manda para os cartórios a cartilha do candidato, bem descrita, e Manual do mesário tudo bem explicadinho, mas como bem sabemos as pessoas têm preguiça de ler.

Então, aconteceu este ano (Eleições 7/10/2012) um fato que me chamou a atenção, não é engraçado, mas é incomum. Por volta das 14h30min, o telefone toca e minha colega atende:

- Cartório eleitoral, boa tarde.

Do outro lado, um eleitor, que com toda certeza, estava ansioso para votar principalmente porque é Eleição Municipal e não podia perder a oportunidade de eleger seu candidato, visto que, cada voto no interior tem um significado singular.

- Não tendo documentação oficial com foto: Carteira de Identidade - Carteira de Categoria Profissional reconhecida por lei - Certificado de Reservista - Carteira de Trabalho - Carteira de Habilitação - Passaporte.

O eleitor do outro lado da linha continua dizendo:

- Posso levar como documentação o Título e o Livro do Patrão?

Então a minha colega responde:

- O quê? "Livro do Patrão"? O que é isso? Você está se referindo à Carteira de Trabalho que parece um livrinho?

- Não, é o Livro do Patrão, ele insiste.

Minha colega pede pra ele aguardar. Indignada e sem saber de que se tratava ela disse ao eleitor que não sabia o que era isso, mas que esperasse só um minutinho que ia passá-lo para nossa chefe porque ela é advogada e deve saber de que se trata. Foi então que se desvendou o mistério. O Livro do Patrão era o livro funcional de registro no qual ele se encontrava registrado como trabalhador.

Imaginem a cena: o eleitor chegando com o livro grande que continha seus dados pessoais, foto e ainda sendo impedido de votar porque se apresentava sem documento oficial. E pior, tínhamos que esclarecer por que ele não podia votar. Isso é brincadeira... eles inventam, criam tantas situações só para exercer sua cidadania.

Histórias no atendimento

Patrícia Carla Lima de Oliveira
Chefe de Cartório
212ª Zona Eleitoral de Peçanha

No atendimento de balcão fazendo o alistamento eleitoral é necessário colocar o código profissional declarado pelo eleitor para que seja efetuado o cadastro. Então a servidora perguntou:

- Qual é sua profissão?

- Não faço nada.

A servidora insistiu:

- Você não trabalha a dia, não faz bico?

E o eleitor pensou... pensou... pensou e respondeu:

- Eu, é, observar a natureza.

O mesmo aconteceu com outra servidora quando perguntou ao eleitor qual era sua profissão? A resposta foi:

- Sou mulher da vida.

- Como assim?

- Fico por aí.

- Por aí, como?

- SOU PROSTITUTA, respondeu sem mais rodeios, a eleitora.

Perguntar mais o que, heimmmmmmmm.

Como nossa ZE é grande, o cartório faz o trabalho Itinerante nos municípios visando ajudar os eleitores para que não tenham que sair de sua localidade. O cartório disponibiliza o

servidor, materiais, e a prefeitura arca com as despesas. Mas este trabalho itinerante gerou um certo constrangimento à nossa servidora que após atender com presteza e eficiência procurou o responsável pelo pagamento do transporte. Nada conseguindo, procurou o senhor Prefeito e, ao chegar em seu gabinete, deparou com várias pessoas reclamando: que a estrada precisava cascalhar, que os tratores tinham quebrado, que precisa fazer a ponte e muito mais. A servidora aguardando sua vez disse: senhor, terminamos o nosso trabalho e aguardamos o pagamento do transporte.

- Eu que tenho que pagar, quis saber o Prefeito.

- Senhor, o combinado foi a prefeitura arcar com as despesas, viemos com o intuito de ajudar seu município para que não tenha o transtorno de se locomover para a nossa sede, visto que são mais de 100 km. E calou-se.

O senhor enfiou a mão no bolso, pegou R\$50,00, amassou, embolou e gritou PEGA AÍ, jogando-a em sua direção.

O motorista envergonhado, não podendo ficar com o prejuízo, pegou o dinheiro todo amassado e voltamos para casa. LITERALMENTE PARA CASA.

Justiça Eleitoral salvando vidas!

Daniela Martins Álvares
Analista Judiciário
091ª Zona Eleitoral de Contagem

Por volta das 15 horas do dia 07 de outubro de 2012, alguns colegas desta 91ª Zona Eleitoral de Contagem (três servidores e um motorista) se dirigiram a uma escola no bairro Industrial para averiguar um problema ocorrido em uma urna eletrônica.

Resolvido o problema, eles retornaram ao carro e estavam a caminho de volta para o cartório.

De repente, o motorista diz: Tem um homem se matando! Imediatamente, eles param o carro e se deparam com um rapaz pendurado numa árvore por um fio de energia. Renato, Rodrigo e Davi saem do carro e iniciam a operação de salvamento. Enquanto um sobe na árvore para desamarrar o fio de energia que estrangulava o rapaz, os outros dois seguram suas pernas para que ele não caísse. Descem o rapaz e colocam-no sobre o chão. Seu rosto estava roxo e quase não havia respiração, mas ainda estava vivo!

Coincidentemente, naquele momento, passa uma ambulância com a sirene ligada. Renato corre e começa a gritar e acenar para que a ambulância parasse. A ambulância parou, mas já havia um paciente dentro que estava sendo levado com urgência para o hospital. A médica da ambulância desce e fica para prestar o socorro. A habilidosa médica atende o rapaz ali mesmo no local.

Como o rapaz já estava sendo socorrido, Renato, Rodrigo e Davi se afastaram e voltaram para o carro. Chegando ao cartório contaram o que havia ocorrido. Todos os colegas e a Juíza Eleitoral

TRE-MG

ficaram orgulhosos! Eles consertaram a urna eletrônica e também salvaram uma vida! Quanta dedicação e bravura! Dizem que não existem coincidências e sim providência! Anjos, heróis da Justiça Eleitoral!

A venda das sobras

José Altivo Brandão Teixeira
Desembargador
Ex-Presidente do TRE-MG (biênio 09/07/2010 a 09/07/2012)

Ao se encerrar a apuração de votos de uma eleição municipal, enquanto a maioria das pessoas já cuidava de comemorar a vitória de seu candidato a Prefeito, alguns candidatos a Vereador permaneciam no recinto da apuração aguardando o remate dos cálculos dos quocientes e das sobras, especialmente aqueles cuja votação não fora suficiente para já garantir-lhes a vitória. Todos queriam ouvir a palavra final do Juiz e também do Promotor.

Foi quando o mais votado para Vereador, dirigiu-se ao Promotor, informando-o de que outro candidato a Vereador, sem votos para eleger-se, havia-lhe proposto que lhe vendesse sua sobra de votos. Pagar-lhe-ia bom preço. A oferta era até muito superior a seus gastos, e tão boa que não dava para perdê-la. Haviam chegado até a fechar o negócio, mas o comprador impusera uma condição: - Só pagaria se o recibo fosse feito pelo Promotor. Esta fora a razão da consulta.

O Promotor logo percebeu que o comprador aproveitara-se, para uma brincadeira, da ingenuidade e da sertaneja simplicidade do vendedor. E, paciente, passou a explicar para o afoito vendedor que ele não dispunha de sobras de votos e, muito menos, de sobra de votos para vender. Que as sobras não eram de um determinado candidato, mas de cadeiras de Vereador, conforme cálculos aritméticos das melhores médias obtidas pelos partidos, mas o vendedor não quis nem entender essas

explicações. Insistiu novamente na existência de sobras em vista de sua extraordinária votação.

O Promotor, mais uma vez paciente, explicou-lhe então que venda de votos era crime. Se insistisse em vendê-los, a Promotoria abriria um processo contra ele. Mas ele retrucou:

- Dr. Promotor, se não posso vender a minha sobra porque é crime, posso dá-la de graça para o meu primo carnal, que está aí "na tábua da beirada", sem saber se elege-se ou se não se elege, por menos que cem votos? É muito pouco voto e não vai ter dinheiro na jogada.

E arrematou:

- Se não posso vender a sobra, é claro que posso dar de graça!

E o Promotor, mais uma vez, com renovada paciência, professou:

- Voto é cidadania. Não se pode vendê-lo, comprá-lo e nem cedê-lo, mesmo gratuitamente.

Mas o vendedor estava firme em seu entendimento e saiu resmungando que dar de graça votos para um parente, jamais poderia ser crime. Não estava matando e nem roubando! E, se tivesse vendido, o negócio era honesto e o preço era justo!

Ônibus com urnas eletrônicas vira camburão da Polícia Militar

Jair Lemos
Técnico Judiciário
028ª Zona Eleitoral de Belo Horizonte

Eleições 2012. Bairro Taquaril, Belo Horizonte - Palco de "muitas emoções" e BOs... Outro não poderia ser o melhor cenário para esta história...

O ônibus utilizado para buscar as urnas eletrônicas nos locais de votação chega à primeira escola. Nós, servidores do TRE, estávamos escoltados pela Polícia Militar. Descemos, apresentamo-nos aos mesários e fomos para a cantina aguardar a entrega do material. Iniciamos o recolhimento das urnas após às 17 horas. Enquanto isso, o ônibus com os policiais nos aguardava.

Ao mesmo tempo, num bar perto dali, uma dama de média idade e cabelos longos dançava alegremente com alguns cavalheiros, entre os quais não estava aquele que deveria ser seu verdadeiro par. Vendo a cena, o fiel amigo do companheiro daquela alegre dama resolveu delatá-la ao camarada traído. A confusão estava armada! O cônjuge da dançarina decidiu ir até o local e encontrou a sua esposa se divertindo com outros. Ele agarrou-a pelos cabelos, deu alguns socos na mulher e a jogou na calçada, completamente desfalecida.

Apavorada, a vizinhança correu para chamar a polícia. Os primeiros policiais que encontraram foram aqueles que nos aguardavam. Prontamente o Cadete responsável pela nossa segurança, servidores da Justiça Eleitoral, resolveu ir até o local para fazer o boletim de ocorrência. Inesperadamente voltou trazendo consigo o réu e a vítima.

Acontece que ele não tinha uma viatura policial para encaminhá-los à delegacia mais próxima. Qual foi a solução encontrada? Novamente, para a surpresa de todos, levá-los, juntamente conosco e as "maquininhas captadoras de votos", no ônibus do TRE. E assim fomos até a próxima escola da rota.

Ao notar a presença do casal brigão e saber do fato que ocorrera, uma colega deu faniquito. Imaginou, em sua mente fértil e atemorizada de quem mora em grandes cidades, que transportávamos o chefe do tráfico da região ou outro criminoso de alta periculosidade.

Percebendo o desconforto e o constrangimento que causara, ao chegar ao segundo local de votação do itinerário, o aspirante a oficial da Polícia Militar resolveu mudar a infeliz estratégia em relação aos litigantes. Encontrou alguns policiais em patrulha na porta da escola, relatou a eles o fato e pediu para assumirem o caso do casal em contenda. Finalmente, os militares levaram os conflitantes para a delegacia e nós seguimos com as urnas eletrônicas para o local de apuração, aflitos devido ao horário.

A troca

Juliana Nunes de Oliveira
Chefe de Cartório
063ª Zona Eleitoral de Campina Verde

Primeira eleição municipal. Avisada por todos das dificuldades. Ansiosa. A cabeça, um turbilhão com tantos processos, candidatos, eleitores, tarefas a cumprir e prazos vencendo.

Na antevéspera, acreditava que não apareceriam mais processos, tampouco pedidos liminares. Era entregar as urnas, repassar procedimentos de contingência e procurar paciência e sabedoria para resolver os problemas do dia "D". Contudo, passado o sorteio da votação paralela, para minha surpresa, duas representações foram protocoladas, e minha aparente tranquilidade esvaiu-se.

Em meio a andamentos processuais e feitura de despachos, a entrega das urnas não parou, embora eu pessoalmente só tenha entregado uma. A dita cuja!

Dia 7 de outubro chegou. E lá estávamos, todas as meninas do cartório (já que nossa equipe é absolutamente feminina) preparadas.

Depois de despachar as urnas para o Distrito, era vez de entregar as urnas remanescentes na sede. Foi aí o momento desesperador.

Ao realizar a conferência das urnas, verificamos que faltava a da Seção 24. Eram 6 da manhã, apenas 2 horas antes do início da votação. O que fazer?

Era minha primeira eleição como Chefe de cartório, na minha terra natal, eu queria que tudo corresse perfeitamente. E me faltava uma urna.

Contamos as urnas e verificamos que a urna da Seção 34 ainda estava no cartório, apesar do restante do material ter sido entregue. E eu havia entregado! Pensei, é possível resolver. Fomos à casa da presidente da mesa desfazer a troca, que alívio! Mas, como sem muita emoção não vale, eis que surge o cachorro.

Depois de muito tocar e chamar pela presidente, desisti. A casa ficava no fundo do terreno, depois de um lindo jardim. Resolvi abrir o "velho" portão e entrar. Para minha surpresa quando estou no meio do trajeto, vem o cachorro. Nervoso, latindo muito. Corri de volta, auxiliada pela técnica de urna, consegui passar pelo portão e fechá-lo. Mas a fechadura quebrou. Ficamos ali, segurando o portão com os pés. Não podíamos correr para o carro sem que o cão nos pegasse, e enquanto isso, a mesária dormia.

Passados os 15 minutos mais longos da minha vida, ela acordou. Nos salvou do cão. Trocamos a urna.

Após a confusão, estava pronta para a eleição! Sabia que conseguiríamos resolver o que fosse preciso. O frio na barriga passou. A segurança chegou! E a eleição, se resume em SUCESSO!

Eleições e regulamento

Joaquim Absair Frois
Auxiliar de Cartório
184ª Zona Eleitoral de Montes Claros

Na época das eleições, quando é aproximado o dia, vou aos locais de votações levar ofícios, cumpro muitos mandados como Oficial de Justiça ad hoc e finalmente, depois que chegam os votos, acompanho as apurações.

Cheguei ao cartório eleitoral, fui à Santa Bárbara, depois Monte Sião e terminei minha jornada em Claraval. Gastei duas horas para percorrer tudo isso e em pouco mais de quatro, retornei. Não fui de avião, viajei de carro mesmo, pois, não se trata de municípios pertencentes às 245ª, 183ª e 127ª Zonas Eleitorais de Minas Gerais e, sim, localidades rurais do antigo Arraial das Formigas, onde existem locais de votação da 184ª Zona Eleitoral, e nelas entrego ofícios onde funcionam as seções de votação dos povoados e correspondências aos mesários que trabalham nas mesmas.

Outro dia fui à Câmara Municipal para fazer intimação de um Vereador. Chegando lá, ele não estava, porém, seu genitor, um conhecido médico da sociedade montesclareense, que fora Prefeito, perguntou-me de onde eu era e de quem eu era filho. Respondi que era mineiro de Francisco Sá e falei o nome de meu pai, e ele me disse que o conhecia e que o avistara há uma semana. Não sei como ele encontrara com meu saudoso ascendente que, naquela época, tinha mais de vinte anos que havia falecido.

Sobre os candidatos a Vereador, fico comovido com Júnior de Samambaia. Ele foi eleito em 2004; quatro anos depois, foi o terceiro de preferência dos eleitores de Montes Claros, porém,

não conseguiu se eleger, porque os dois primeiros eram da sua coligação, que teria apenas duas vagas; este ano foi o mais votado e seu partido político não teve quociente para ocupar uma cadeira.

Em razão disso, acabo andando em logradouros com nomes de cidades conhecidas, escuto conversa fiada de quem almeja voto e descubro que nem sempre o ganhador é o que teve maior preferência.

Cadê meu voto!

Eduardo Eustáquio Braz
Técnico Judiciário
334ª Zona Eleitoral de Belo Horizonte

"Foi um tempo em que o tempo não esquece", já entoava em sua canção agalopada, nosso virtuoso Zé Ramalho nos idos anos 80.

Entre os tantos casos que guardo registrados nos arquivos da minha memória, ao longo dos meus quase 19 anos de labuta, trabalhados em cartório eleitoral, um deles aconteceu nas eleições municipais do ano 2000. Foi na bucólica e saudosa Cidade de Pedro Leopoldo, distante cerca de 50 km da capital. Na época, municípios com eleitorado acima de 30.000 eleitores, se não me falha a memória, faziam sua apuração de votos com a urna eletrônica.

Novidade, euforia, e ansiedade tomaram conta de toda a cidade.

Ao término da apuração das eleições, que transcorreu sem muitos incidentes, a urna eletrônica foi um sucesso total.

Pois bem; baixada a poeira, veio a ressaca eleitoral.

Passados alguns dias do término das eleições, um jornalista de um folhetim da cidade me procurou no cartório, esboçando um sorriso meio amarelo e desconfiado, dizendo que havia publicado e que já estava em circulação (já me entregando um exemplar do semanário), a pedido de alguns candidatos, uma matéria onde eles reclamavam sobre o meu trabalho durante a apuração dos votos.

Surpreso, ao ler a matéria, não consegui conter um sorriso silencioso diante do que acabava de ler. Nela os candidatos reclamavam que os disquetes contendo os votos dos eleitores nas respectivas seções eleitorais deveriam ser novamente lidos e apurados porque, "pasmem", eu inseria e tirava o disquete do drive de leitura do computador de forma muito rápida e que certamente diante da rapidez e da agilidade do procedimento, algum voto teria ficado prá trás e eles (candidatos) ficaram prejudicados na somatória dos resultados. Na hora eu fiquei meio pasmo com o texto da matéria, mas contive o riso, me controlei e expliquei ao nobre jornalista que era pessoa idônea, de família tradicional e, do qual tinha certa amizade, que o processo de leitura dos disquetes era automático e não havia o risco questionado pelos candidatos. É que eles estavam acostumados com a leitura e contagem nas tradicionais urnas de lona cujo processo de apuração era lento e demorado, e, portanto, esse novo procedimento era fruto da evolução tecnológica da urna eletrônica. Que ficassem tranquilos que nenhum voto teria ficado prá trás e esquecido de ser contado a benefício deles.

Como já dizia nosso saudoso Jack Palance: "acredite se quiser".

Fui!!!...

Robson Fernandes Moitinho
Técnico Judiciário
270ª Zona Eleitoral de Teófilo Otoni

Política "tá" no sangue e a propaganda eleitoral "tá" na personalidade de cada um. Em 2012, um candidato superou muitos obstáculos e se destacou. As principais características e "proesas" serão vistas agora.

Registrado na ZE nº X, sempre tirava dúvidas na ZE nº Y. E as perguntas eram ótimas:

- Oh, Chefe! Pode fazer propaganda debaixo da casa?

- Uai!

- Fui!!!...

E os "santinhos" não ficaram de fora:

- Oh, Chefe! Eu mesmo fiz meus "santinhos", olha eles aqui nesta folha de papel branco... é só cortar.

- E você observou a legislação?

- Uai! O CGC da gráfica ficou assim: "pelo próprio candidato".

Os dias passavam e ele sempre chegava com seus envelopes debaixo do braço.

- Oh, Chefe! Pode fazer boca de urna acima de 200 metros?

- Uai! A legislação diz que...

- Hoje eu tô mais light... Fui!!!...

Noutra passagem pelo cartório, perguntei-lhe:

- Como vai a reta final da campanha?
- Já visitei 4 mil casas, e comecei isso há 2 anos.
- E você acha que eles vão votar em você?
- Uai! Eles dizem que vão e eu também digo que vão...

Fui!!!...

E a campanha seguiu firme, andando muito, parecia um maratonista, com seu envelope característico, uma camisa "goiaba"... e sempre com o grito de guerra: "fui!!!...".

Enfim, chega o dia da eleição, tão sonhado pelo Zé... do envelope. Movimento total nas ruas, calor humano, sangue quente etc. Mas ninguém o viu.

De repente!...

- Oh Chefe (no outro cartório, veja bem!...)! Perae! Esse relatório que você me entregou aqui não é o resultado não... é a zerézima...

- Uai! Esse é o relatório final, seção por seção...

- Meu Deus!!!... fui!!!...

E ele se foi...

Um eleitor que não vota

Alessandra Maria de Oliveira
Técnico Judiciário
Ouvidoria

Eu não sabia que uma eleição mexia tanto com as pessoas e com uma cidade. E foi então que ao trabalhar em um cartório eleitoral no interior de Minas, no Campo das Vertentes, eu descobri que era verdade.

Dois partidos, duas emoções, um era situação, o outro da oposição. A situação se vestia de verde, a oposição se vestia de amarelo.

Foguetes, apitos, bandeiras, buzinas, tudo valia para mostrar quem amava mais seu partido.

De pai para filho, de filho para amigo e assim todos como um time que tinham a política no sangue.

Nesta época eram realizadas várias carreatas e passeatas, e uma delas fui observar de perto esta paixão. Acompanhei e observei a passeata do partido da situação, que na ocasião estava em primeiro lugar na opinião pública para ganhar as eleições municipais.

Percebi que no meio da multidão apaixonada, havia um cachorro vira lata, sem dono, aparentando estar mal tratado por viver nas ruas, mas alegre, demonstrando toda alegria ao balançar seu rabo ao ouvir o clamor dos eleitores e os apitos de incentivo ao candidato a Prefeito.

Como eu gosto de bichos e cachorros fiquei intrigada com a presença do ilustre canino que não se assustava com tanto

barulho, ao contrário se animava como um eleitor que não queria perder o voto.

Em outra ocasião fui à passeata do partido da oposição, em que os eleitores também mostravam animação, apesar da desvantagem da pesquisa.

Senti falta do cachorro vira lata que acompanhou a passeata da situação.

Foi então que em decisão judicial, para manter a segurança pública, o Juiz Eleitoral determinou que não houvesse naquela semana passeata, carrreata e assemelhados. Revoltado, o partido da situação recorreu à instância superior com um mandado de segurança, que lhe garantiu o direito de realizar as passeatas que tanto sucesso faziam na cidade.

Lá fui eu de novo, e abismada, percebi que todos integrantes que participavam da passeata fielmente estavam lá, com exceção do cachorro.

Fiquei pensando: será que ele morreu? Será que fim teve aquele cachorro que tanto animava aquela passeata?

Na semana seguinte, eis que reencontro o cachorro famoso na oposição, mais animado e confiante como se prevesse o desfecho da história.

Por menos de 200 votos a oposição ganha as eleições e o eleitor que não vota ficou famoso e virou lenda na cidade, escolheu o partido que ganharia as eleições.

Para quem gosta de cachorro e eleições, a história das eleições é também a minha história.

Para ganhar eleição

Marcelo Tavares
Chefe de Cartório
108ª Zona Eleitoral de Esmeraldas

O homem era rústico, enricou com o trabalho do campo. Mas, no entanto, vestia a mesma botina de couro, jeans surrado e camisa social, parte dentro e parte fora do cós. Os olhos miúdos não perdiam uma jóia da juventude que zombeteasse pelas ruas: "Capricho, boniteza. Assim, João Grandão anima sair de casa" disparava para que lhe retrucassem o "Bom dia, Sr. João", com os olhos curiosos que me varriam de soslaio. Era de outra época; isso de ter uma só mulher é coisa da modernidade, explicou-me certo dia seu filho; "mamãe penou muito", completou.

A ousadia do destino calhou de fazê-lo sobrinho do avô de minha esposa. As lembranças do tio Enfizeu animavam o velho. "Era sujeito positivo", dizia. "Não perdia nenhum enterro e batizado, fosse o que fosse, marcava presença. Era homem "bão", e trabalhador, cortava trinta e seis metros de lenha no machado? num dia?" admirava. Aliás, sua conversa era um desafio, o homem quase mantinha um dialeto particular. Precisava pegar o rumo das idéias do caboclo. "Não consigo entender duas palavras que ele diz. Fico no 'é', 'ahã', 'ãh' ", admirava minha esposa.

Certa noite, fizemos uma visita de cortesia. "Vamos entrar", convidou tímida sua esposa, Tazinha. "João, olha quem veio".

- Olha! Que bão! Que bão! E seu pai?, assuntou. A vivacidade marcava seu espírito. Contava causos e ria. Minha esposa no "é", "ãh", "ahã". Tazinha com um sorriso tímido nos lábios. Contou de sua andança na campanha para Prefeito de

Mauro Duzim. Era seu braço direito. Tazinha sabia do passo alargado do marido, chamou-o de bobo.

Revelou que Duzim era homem popular, sabia entrar e sair de qualquer lugar. Ao visitarem um lugarejo do adversário, logo lhe avisou: "Preocupa, não. Olha! Quem é aquela preta sentada do meio-fio? Aquilo é a mulher mais fofqueira desse lugar. Vai lá e chama um beijo na mulher que a gente vira aqui".

A tarefa era doída. A preta era grande, desdentada, pensava em voz alta e não preocupava com os modos. Quando a viram, divulgava na calçada ao pleno sol o que não escondia no escuro. "Oh, Duzim, eu sou casado. Ah! Eu não. Não vou" contava sorrindo constrangido.

- Pode deixar. Não demorou para Duzim pegar a preta num abraço largo e arrastar a mulher no meio do povo sem desgrudar dela um minuto. A dona gostava e sorria. Juntou gente. A conversa animou e Duzim lançou logo um beijo molhado na boca da mulher.

O assunto rodou na boca do povo, a mulher alardeava "Eta, homem bão, sô!". No domingo da eleição, Duzim estava eleito, contava sorrindo João Grandão. "Foi um bom Prefeito, mas isso não é para a gente fazer não, tá?" advertia. Tá bom, Seu João Grandão, tá bom, tá!

Tempestade de papel

Helton Gardel Pereira
Chefe de Cartório
321ª Zona Eleitoral de Ribeirão das Neves

Transcorria o intervalo entre o primeiro e o segundo turno das eleições 2010. Cidade pacata do interior, estávamos ali, ainda separando materiais utilizados no primeiro turno.

De repente, se impõe cartório adentro aquela figura que ostentava orgulho de sua humildade, beirava a arrogância. Gesticulava e falava ao mesmo tempo. Contava uma história que se tornava quase ininteligível.

Para tentar entendê-la melhor, perguntei-lhe se já havia trabalhado em novelas. Ela disse que não e perguntou-me se eu estava duvidando do que ela dizia. Respondi que em hipótese alguma.

Então, perguntei-lhe se poderia filmar a sua narrativa. Sua gestualidade era artística. Com sua anuência empunhei o aparelho celular e pedi que ela repetisse o que já havia falado. A senhora então se posicionou como se estivesse participando de um filme de Welles e reiniciou a narrativa:

- Pois intão, moço. Nós tava na praça, ali nu centro, quando começô aquela ventania dus diacho. Num dava nem prá pará im pé. O povu tudo correu prá dentro da igreja católca. Mas meu marido é Tistimunha di Jeová i num quis corre prá lá. Intão, agarrei numa alvre qui fica ali nu meio da praça, o vento tava tão folte qui parecia qui ia arrancá a alvre e leva eu junto. Foi intão qui resorvemo corre prá porta du bar do Homero.....

Enquanto falava, seus braços se movimentavam como se buscassem apoio no nada, parecia tentar alçar vôo. Foi assim que continuou:

- Chegamu lá i ficamu iscundido dus raiu, dus truvão i da chuva qui tava chegano. Mais o vento cuntinuava folte. Tinha um monte de papel nu chão, cê sabe, aqueis papel com as cara dus candidatu. O ventu levantou aquilo tudo e jogô na nossa cara. Parecia qui nós ia morre sufocado....

Dizia isto e passava as mãos no rosto como se afastasse os papéis que, em seu imaginário, ainda agarravam-se em sua face. Assim, continuou:

- Nós nem cunsguia respirá direito. Fiquei cum medo danado. Achei até qui nós ia marrê. Daí risorvi vim aqui prá justificá....

Diante disto, disse a ela que havia entendido e que a ausência dela no primeiro turno seria justificada, até porque na tarde do dia da eleição realmente tinha ocorrido aquela tempestade toda na cidade. Mas qual foi a minha surpresa quando ela interrompeu-me e acrescentou:

- Não moço, eu num quero justificá qui eu num votei nu primeiro turno, aquele dia eu votei, o vento foi dispois da inleição, é qui eu tô morreno di medo di acontecê tudo di novo i dessa veis eu num inscapá, intão eu quero justificá é porque eu num vô votá na otra inleição, nu sigundo turno.

Eleições que mudam destinos

Carlos Alberto de Avelar Souza
Analista Judiciário
Seção de Gestão de Contratos/SGA

Em 1994, época em que cursava a 8ª série do ensino fundamental, por volta do mês de setembro, uma Juíza muito simpática, compareceu à escola e explicou aos alunos a importância das eleições na vida das pessoas, a convocação de mesários e outros assuntos afetos às eleições.

Tinha uma colega de sala, minha melhor amiga, esta combinou comigo que quando completássemos 18 anos iríamos tirar o título eleitoral para votarmos e também oferecermos para trabalhar como mesários.

Porém, ao término do ano escolar esta colega mudou de endereço com sua família. Fiquei muito triste porque perdi o contato com ela.

Quando completei 18 anos fiz o título eleitoral e me ofereci, sendo aceito para trabalhar como mesário perante o cartório eleitoral, assim como tinha combinado com minha ex-colega, contribuindo com a democracia proporcionada pelas eleições, e também pelos dois dias de folga que teria direito, pois trabalhava numa empresa.

O tempo passou e participei de todas as eleições como eleitor e mesário, quando em 2004 não pude mais atuar como mesário, pois tomei posse no TRE-MG como servidor efetivo. Neste ano, fui convocado para buscar urnas e o material usado no dia de votação.

Chegando à escola na região do Barreiro, em Belo Horizonte, a primeira tarefa era ir a todas as seções eleitorais para recolher os recibos do vale-alimentação utilizados pelos mesários. Para minha grande surpresa, na última seção que passei, encontrei minha ex-colega de escola trabalhando como mesária e, ao me ver, sorriu alegremente, levantou da mesa e me deu um grande abraço. Nesta hora não havia eleitores na fila, pois já eram quase 17h. No final dos trabalhos ela me esperou na porta da escola, pegou meu telefone e e-mail, rapidamente, pois tinha urgência para levar o material para apuração dos votos.

Trocamos e-mails e mensagens, quando então começamos um romance. Ela disse que assim como eu, trabalhou em todas as eleições como mesária conforme nosso pacto feito na escola onde estudávamos, e que sempre se lembrava de mim e amava trabalhar nas eleições.

No final do ano de 2008, quando ela se formou e os trabalhos afetos às eleições realizados pela seção que atuava se encerraram, casamos e a grande surpresa nossa é que fizeram nosso bolo da festa de casamento no formato de urna eletrônica.

O Zé dos Mesários

Camila Mendonça Carisio
Técnico Judiciário
Assessoria de Comunicação

Naquele ano de eleições, estávamos na loucura do último dia do prazo para os cidadãos solicitarem o alistamento eleitoral, a transferência ou a revisão do título de eleitor. Na fila, eram mais de cem pessoas, ou melhor, mais de cem brasileiros que deixaram para a última hora e que aguardavam para ser atendidos. O balcão do cartório eleitoral estava apinhado daqueles que, vitoriosos, após vencerem a fila, finalmente estavam sendo atendidos.

De repente, uma senhora, saída do meio da multidão, chega ao balcão e me grita:

- Moça, cadê o Zé?

- Senhora, nós não temos nenhum Zé trabalhando aqui no cartório - respondo, interrompendo o atendimento que estava fazendo.

- Como não? - ela insiste.

Dou um sorriso e respondo:

- Bom, até onde eu sei, não trabalha nenhum Zé aqui.

- Mas está escrito ali, no cartaz pregado na parede. É o Zé dos mesários.

Entendo menos ainda o que ela está falando. Penso comigo: "Gente, que cartaz é esse? Que Zé é esse?". O eleitor que aguardava o término do atendimento, intrigado com a situação, acenou discretamente com o olhar, dizendo que eu poderia dar atenção a ela. Então, eu sugiro:

- Mostra pra mim esse cartaz porque agora sou eu é quem está curiosa para saber quem é esse Zé!

Saí detrás do balcão, e, no aperto da multidão que inundava a entrada do cartório, conseguimos chegar até a parede onde o tal cartaz estava afixado. Ela apontou a informação escrita e eu, quando entendi toda a situação, tive que encontrar forças do fundo da minha alma para não explodir na gargalhada. Respirei fundo e expliquei, com jogo de cintura:

- Ah! É esse o famoso "Zé"? Na verdade, essa é a abreviação de "Zona Eleitoral". Não tinha espaço no cartaz e foi necessário escrever "ZE". A senhora está interessada em trabalhar como mesário voluntário? Vamos fazer a sua inscrição agora!

Ela preencheu o formulário e eu voltei para o atendimento, feliz por ter solucionado o mistério do Zé.

Desde então, nunca mais consegui usar essa abreviação sem pensar no "Zé dos mesários", ou melhor, "ZE dos mesários". E, lição aprendida, não mais produzi nada para o público externo que tivesse "ZE". Gastava mais espaço no papel, mas não corria o risco de aparecerem outros "Zés" no cartório.

A mulher-laranja

Luiz Ernesto Lisboa Guerra
Chefe de Cartório
048ª Zona Eleitoral de Borda da Mata

Ser mulher neste país nunca foi fácil. Antes, nem podíamos votar. Agora, somos sutilmente obrigadas a nos candidatar...

E falo por experiência própria, pessoal e intransferível. Só lá pelo começo de julho é que fui descobrir o significado da tal cota - foi quando bateu em casa o Coronel Jamais-Usei-Farda, ex-Prefeito, ex-Deputado, ex-ocupante de cargo com nome esquisito, atualmente viúvo do voto de cabresto e suplente do Coisa Ruim. Viera me convidar, sem qualquer eufemismo, para ser L-A-R-A-N-J-A nas eleições. Era para o bem de todos, no cumprimento da lei. Que eu nem precisava me dar o trabalho de fazer campanha. Se quisesse, poderia mais pra frente, quem sabe, renunciar e votar em outro candidato, algum que realmente tivesse chance. E, para o caso de não ter nenhum da minha preferência, estava deixando ali um "santinho" seu.

Aceitei o "santinho" e o convite por educação e frio na barriga. Mas não renunciei, não. Até fiz alguma coisa parecida com uma campanha eleitoral, motivo mais do que suficiente para uma interminável chacota entre os analistas políticos dos botecos e das padarias, os quais se diziam credenciados para a cobertura oficial de todos os detalhes extraoficiais referentes ao pleito. Mas, como já estava na chuva, resolvi me molhar, sem molhar a mão de ninguém, e também sem deixar queimar a daqueles que, por mim, enfrentaram a fogueira das vaidades provincianas. Pedia voto até para as samambaias da vizinha. E se alguém me perguntava por

que resolvera entrar para a política, respondia que foi assim por acaso, como quando alguém te oferece uma fruta e você resolve experimentar pra ver o gosto.

A surpresa é que esta laranja foi eleita: a única entre todos os candidatos da coligação. Já perdi as contas de quantos sorrisos amarelos (ou melhor, alaranjados) me deram os parabéns! O que andam dizendo por aí é que tem muita gente carregando a alcunha de "Homem-Bagaço"...

Os dias em que fui "Zap"

Alberto Rocha Torres
Técnico Judiciário
Assessoria de Comunicação

No jogo de cartas chamado truco, a arte de blefar é matéria de alta relevância. O quatro de paus, chamado "Zap", é a carta que resolve qualquer querela, como faz supor seu nome-onomatopéia. 'Zap' não perde rodada. Por isso, induzir os adversários a pensarem que se está com ele é vantagem estratégica. Um bom blefe vence, muitas vezes, uma boa sequência de cartas. "Lugar de medroso é no baralho", atestam os truqueiros mais experientes em relação aos que sucumbem ao blefe. E, graças ao TRE mineiro e à astúcia de um colega, eu vivi o papel de 'Zap' por seis dias de minha vida.

Entre os dias 29 de março a cinco de abril de 2006, Belo Horizonte sediou a 47ª Reunião Anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Representantes de várias partes do mundo vieram ao evento e a Justiça Eleitoral, representada pelo Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais, montou um estande para apresentar aos visitantes o sistema de votação informatizado, adotado no País desde 1996.

Eu era novato na instituição, tomara posse há dois meses, e tive a honra de ser escolhido, em companhia de outros colegas, para apresentar as duas urnas eletrônicas que estavam em exposição. Finlandeses, coreanos, argentinos, ingleses e espanhóis, entre pessoas de outras nacionalidades, experimentaram o sistema eletrônico de votação brasileiro, que recebera um *software* exclusivo: uma pesquisa para se saber quais seriam os países finalistas da Copa do Mundo de Futebol daquele ano.

Acontece que para entrar de carro no local da reunião do BID, só com autorização prévia da Polícia Militar, dados os protocolos de segurança do evento. E o carro do TRE em que estávamos meus colegas e eu, não estava cadastrado. Eu, usando terno e gravata, comentei sobre o desconforto do quase quilômetro que teríamos que caminhar sob o sol, quando o colega que dirigia o veículo disse-me de modo peremptório:

- Vamos entrar. É só você, que está na frente, ficar bem sério e nem olhar para os lados. O resto é comigo.

Assim fizemos. Chegamos, fomos abordados por um policial, ele verificou se a placa estava na lista de veículos autorizados. Não estava. O colega ao volante pediu com gentileza: - O senhor poderia chamar o oficial? O policial chamou. Veio um capitão, pisando duro. Eu lá - cara fechada, seríssimo. O oficial deu o 'não entra' em voz alta e nosso motorista perguntou-lhe, enquanto meneava a cabeça em minha direção: - E o 'ômi'? O senhor quer que deixe o 'ômi' aqui, comandante? Não dá...

Entramos naquele e nos dias posteriores sem o menor problema. E eu e meu querido colega nos tratamos, desde então, por "excelência" e "desembargador". Uma forma carinhosa de nos lembrarmos dos dias em que eu, mero quatro de espadas, fitei ser 'Zap' no baralho do TRE.

Revólver na testa

Stanley Inácio Rocha
Auxiliar de Cartório
325ª Zona Eleitoral de Montes Claros

Eleição municipal, urna de lona, ocorrendo tranquilamente, quando, às 15 horas, chega a informação de que em uma determina seção há eleitores causando tumulto.

Ao sair do local de apoio, juntamente com o motorista, chegando ao portão, sou surpreendido por um dos candidatos com um revólver em punho ao lado de um policial, nervosamente dizendo que se não resolverem o problema na seção X, ele resolveria a bala. A minha reação foi a de abrir os braços, com aquela arma apontada em minha testa, e dizer ao candidato: "Bom, eu estou indo lá resolver o problema", o policial tremia mais do que eu.

Ao chegar ao local, grande foi a minha surpresa, era a filha do tal candidato quem estava causando problemas na seção, pois o presidente da seção havia sido namorado dela, e agora era partidário da oposição ao seu pai. Porém, tirando a exaltação da moça, que foi detida até se acalmar, nada de errado acontecia na referida seção. Com este evento todo o roteiro para busca das urnas foi alterado. Neste dia, encontrei uma mesária, às 21 horas, andando descalça, na estrada de terra, carregando a urna de lona nos ombros e chorando muito, pois todos haviam ido embora deixando-a sozinha na escola, em local ermo.

Felizmente ao final dos trabalhos, o "tal candidato armado" não conseguiu ser eleito e, para minha surpresa, apareceu "calmamente" agradecendo-me pelo trabalho feito.

Voto e ventania

Maria do Carmo Fraga Gomes Ferreira
Técnico Judiciário
Seção de Gestão de Almoarifado/SGA

1958 - A Justiça Eleitoral já estava se firmando, aperfeiçoando seu sistema de fiscalização, atualizando suas resoluções e cumprindo sua missão de proteger seu bem jurídico maior - o eleitor consciente -, símbolo da verdadeira democracia, esperança do Município de Saúde.

No povoado de Caititu de Minas, tudo começou amudar. Esse novo cenário estava deixando os coronéis meio ressabiados. Mudaram o teor de seus discursos e passaram a ministrar as primeiras lições de Direito Eleitoral aos colonos, lavradores e pequenos agricultores.

Coroné Aprijo caprichava em seu discurso de campanha: - Caros correligionários, o eleitor tem direito de intervir nas eleições, denunciar ilícitos eleitorais. Entretanto, a maior conquista democrática de todos os tempos é o voto secreto. Antigamente, o voto era manifestado verbalmente. Isso constrangia o eleitorado. O voto não era livre.

Zé Lavanca prestava atenção. Parecia entender tudo. De vez em quando piscava, acenava pra Soninha de Barba, seu amor platônico. Ela correspondia e ele só suspirava. A preleção do coroné continuava:

- Meu povo, hoje o voto secreto é um direito do eleitor garantido pelo Código Eleitoral. Voto secreto sim, completamente secreto. Existe a cabine de votação, o eleitor vota e ninguém vê.

Zé Lavanca foi embora feliz, acompanhado da Soninha e demais filhos de D. Barba:

- *Coroné Aprijo* sabe ensinar. Não vai ter nenhum voto anulado. Dessa vez nós vamos ganhar. Gravou aquelas palavras: secreto, voto, voto secreto, completamente, cabine, votação, cabine de votação, ninguém vê.

Chega o dia das eleições. Sol quente, sinal de chuva. A primeira pessoa a votar foi Soninha de Barba. Assim que ela entrou no esconderijo, começou um vento. A cortina da cabine balançava. Todos viam as alpargatas, os tornozelos, as pernas e os joelhos dela. Zé Lavanca foi ficando meio nervoso e enciumado. Então gritou lá do fim da fila, olhando para a banca com ar de eleitor consciente:

- *Ô gente, vamo por orde nessa eleição. Cês num tá veno a ventania não? Sigura a cortina pra Soninha votá no Coroné Aprijo. Tem que tampá ela toda, de cima imbaxo. Ocês tá pensano que o voto é secreto só do joelho pra cima? Cambá di bobo, coió!*

As urnas eletrônicas do lixão

José Carlos Ferreira
Técnico Judiciário
147ª Zona Eleitoral de Janaúba

Em uma das primeiras eleições com urna eletrônica nesta 147ª Zona Eleitoral, de Janaúba, no dia seguinte ao da apuração começou o nosso caso:

Do nada surgiu na cidade um boato que algumas pessoas tinham visto no fim do dia das eleições urnas eletrônicas jogadas no lixão do Bairro Dente Grande e no lixão do aterramento (outro local da cidade que a Prefeitura descarrega o lixo). Rapidamente este assunto foi difundindo, a tal ponto que o cartório começou a receber ligações continuamente de pessoas querendo informar sobre as urnas eletrônicas do lixão. Tão logo, o tema virou motivo das rodadas de conversas da cidade e de esperança de novos votos para os vencidos. O povo acreditava fielmente que as urnas do lixão mudariam o resultado das eleições, fazendo vencer o candidato vencido.

O boato se tornou tão real na imaginação da população que, uma bela tarde, quando estávamos no cartório, de repente apareceu uma tamanha multidão fazendo manifestação em frente à Zona Eleitoral. Muita gente, muita mesmo, tumulto, interrompeu o trânsito, manifestação pela apuração das urnas do lixão, foguetório. Saíram todos em passeata pelo centro comercial da cidade, faixas, cartazes, fogos de artifício, clamor por nova apuração, carros de polícias com sirenes ligadas seguindo a passeata para manter a ordem a pedido do Juiz Eleitoral. A passeata foi tão grande que rodou todo o centro comercial da cidade. E não queriam acreditar que as urnas tinham sido todas apuradas, e que não restava

TRE-MG

nenhuma em qualquer lixão. Depois de um nada os questionamentos perduraram por alguns dias e depois foi-se abafando normalmente pelo tempo e até hoje não se sabe quem iniciou a história deste conto. Só se sabe que movimentou a cidade e por fim não restou em nada.

Sessão à luz de velas

Carla de Aquino Guerra Fuly
Analista Judiciário
Seção de Apanhamentos e Composição de
Notas Taquigráficas/SJU

Só quem trabalha no TRE sabe o sufoco que é o período eleitoral. Os Regionais de todo o Brasil têm que obedecer a um calendário nacional, e, diante do volume de processos nessa época, lá se vão noites e fins de semana dos servidores para o cumprimento da árdua missão de atender os curtíssimos prazos. Os colegas que aqui leem não de concordar comigo que nossa tarefa não é fácil!

Nessa corrida contra o tempo, conto o ocorrido há alguns anos, quando ainda estávamos longe da informatização que tanto facilita hoje o nosso trabalho.

Em uma eleição que hoje não sei precisar de qual ano foi, talvez a de 1996, já ia alta a sessão de julgamento, iniciada no final da tarde, num desses dias de pauta abarrotada. No plenário, lotado, advogados e partes interessadas se acotovelavam por um melhor lugar. Lembro-lhes, aqui, de que a sala de sessões ainda era aquela apertadinha do prédio da 320.

Pois nesse momento tão concorrido, eis que acontece um apagão!

Não vendo outra solução, diante daquele apagão totalmente anticívico, o então Presidente determinou que a sessão prosseguisse, após um tempo de espera que pareceu interminável a todos os presentes. E aí começou aquela movimentação apressada e nervosa de todos, a fim de viabilizar o pedido de S. Exa. Algumas velas foram colocadas para possibilitar a leitura pelos Juízes, e a

Taquigrafia teve que se virar à procura de iluminação para o seu trabalho.

Em nosso setor, dispúnhamos de algumas velas de 7 dias e foram elas que nos socorreram naquela inédita situação. E aí formou-se uma cena inesquecível para os que ali estavam: nós, taquígrafas, a postos trabalhando, costumeiramente de cabeça baixa, concentradas, vestidas com a beca escura, sob a tênue luz tremulante das grossas velas, dando motivo de sobra para que algum desavisado que por ali passasse imaginasse que se tratava de uma sessão espírita e que ali estávamos a psicografar!

Na taquigrafia, já vivemos várias cenas interessantes, como a do Prefeito que ligou para o setor perguntando onde poderia comprar um taquígrafo. Mas igual a essa noite da sessão à luz de velas nada se iguala. Penso agora que seria o caso de informarmos a esse Prefeito que temos vários tipos de taquígrafos: louras e morenas, e até as que funcionam à luz de velas, Exa.!

Um predestinado

Paulo de Tarso Lins de Oliveira
Técnico Judiciário
029ª Zona Eleitoral de Belo Horizonte

Última semana antes das eleições e, logo na segunda-feira, uma mesária da Escola Lucas Machado solicita dispensa, porque teve uma cirurgia marcada para o sábado. Consultei a lista de voluntários disponíveis para aquele local de votação e lá estava Júlio César, mesário há alguns anos, que havia se mudado para Vespasiano, mas não transferira seu título. Quatro meses antes, não havia conseguido contato telefônico com ele visando a confirmação do endereço para envio da carta de convocação, e foi necessário substituí-lo. Pouco tempo depois, ele telefonou para saber o motivo de não ter sido chamado e me informou seus novos números de telefone, na esperança de trabalhar ainda em 2012.

Para infelicidade dele, a nova tentativa de convocá-lo foi frustrada: minhas chamadas, mais uma vez, não foram atendidas. Ainda que a função a ser preenchida fosse de segundo mesário e não houvesse mais possibilidade de realizar treinamento, a solução foi convocar um voluntário sem experiência.

No meio da manhã do dia das eleições, estava eu justamente na Escola Lucas Machado quando fui informado pelo pessoal de apoio que um mesário faltara na Seção 151. O presidente da mesa havia tentado convocar um eleitor na fila, mas ninguém aceitara. Uma mesária de outra seção foi ajudá-los temporariamente, para ao menos diminuir a enorme fila que já se formava. Enquanto isso, por telefone, outra mesária tentava localizar a irmã, que há tempos desejava trabalhar nas eleições.

Nesse meio-tempo, surgiu um eleitor na fila que se dispôs a substituir a faltosa. Segundo me informaram, tratava-se de alguém que já havia trabalhado como mesário, mas não teria sido convocado em 2012.

À tarde, coube a mim recolher os recibos dos vales-refeições distribuídos aos mesários da Escola Lucas Machado. Ao abrir o envelope da Seção 151, percebi que o nome do mesário substituto de última hora era Júlio César. Surpreso com aquela coincidência, corri até a seção e confirmei que se tratava justamente do Júlio César de Vespasiano!

Ele era um predestinado! Várias ligações telefônicas em duas oportunidades para convocá-lo, e ele não me atendera. E então uma mesária não comparece na mesma seção em que ele vota, e ele é encontrado na fila, ainda a tempo de exercer sua função e evitar um enorme transtorno para seus colegas e, principalmente, para os eleitores. Enfim, foi dado a Júlio César o que era de Júlio César!

É preciso sonhar

Simone Maria Braga Reis Wanderley Athayde
Técnico Judiciário
317ª Zona Eleitoral de Montes Claros

Era mais um daqueles dias muito quentes, como tantos outros no norte de Minas, não fosse aquele, um dia de escolha de representantes do nosso povo. Fui escalada para ir aos povoados. Sabia que não seria fácil.

Fui percorrendo o meu caminho, até que cheguei ao meu destino final. Pude perceber, então, que o clima já estava muito quente, não apenas pela temperatura escaldante da minha região, mas também pelos ânimos alterados das pessoas, pelo calor das discussões, confusões, boca de urna, resquícios do arcaico coronelismo que, infelizmente, ainda teima em perdurar nas mentes de alguns daqueles herdeiros de coronéis...

Foi assim que encontrei aquele lugar. Buscava, então, colocar a ordem por onde passava, tentando resgatar o respeito pela democracia e pela liberdade de escolha daqueles cidadãos que ali se encontravam, que, ao que parecia naquele momento, estava completamente esquecido.

Eu passava por entre todas aquelas pessoas e podia ler através daqueles tantos olhares muito mais do que causos, mas a história de muitas vidas, podia vislumbrar naquelas janelas da alma, uma esperança que não se consome, apesar de tudo. Naquele momento, tudo isso passou por minha mente e eu pude perceber como nossas histórias de vida são tão parecidas, como trazemos em nossa alma o anseio por dias melhores, como somos cheios de esperanças e temos a necessidade de sonhar que algo melhor possa vir a tornar realidade algum dia...

Eu pude ver naquelas faces um grito de esperança sufocado pela covardia de oportunistas, que, sem o menor pudor em silenciá-lo, ceifavam dessas pessoas humildes, o seu direito de sonhar!

Foi com muita indignação que presenciei muita coisa ali, inclusive pessoas intimidando eleitores, que precisei contar com a intervenção da polícia federal que, a mando do Juiz Eleitoral, foi para o local no qual ficamos até conseguirmos contornar a situação.

Esse ano, com as novas eleições municipais, voltei àquele povoado. Estava muito tranquilo, não havia brigas, nem sequer confusões, apenas os naturais rumores de um dia de eleição. E, conversando com uma senhora, muito simpática, fiquei sabendo que seu neto que ela trazia no colo, havia nascido depois que a mãe tivera vários abortos, e que fora seu irmãozinho de apenas sete anos, que fizera uma promessa que ficaria 10 meses sem jogar futebol, que era o que ele mais gostava de fazer, para ganhar um irmãozinho. Depois de 10 meses, ele disse à sua mãe, vendo-a já em casa com o seu irmãozinho no colo: - Agora posso ir jogar o meu futebol! E saiu correndo, feliz da vida por ter concretizado o seu sonho!

Naquele dia, como aquele menino, voltei para casa feliz, a alma leve, por ter visto aquele povo simples e humilde voltar a sonhar novamente.

"Dá um grau!"

Sheila D'Ávila Keppel
Chefe de Cartório
305ª Zona Eleitoral de Itaguara

Passaram-se as Eleições. Chega um jovem ao balcão de atendimento, apresenta-me os documentos. Constato que ele, por já ter completos 18 anos de idade, deveria ter feito o título e, inclusive, ter votado nas eleições anteriores. Pergunto-lhe por que não fez o título no prazo certo e ele, sem argumento relevante, diz que não sabia da obrigatoriedade do alistamento eleitoral. Digo a ele que, então, deveria pagar uma multa. Assustado, até sem interrogar qual o valor, vira-se para mim e diz:

- Ô dona, "dá um grau"! Agora que vou começar num "trampo" aí!...

Começo preencher, naqueles anos, de forma manuscrita, o antigo FAE (Formulário de Alistamento Eleitoral), hoje, RAE (Requerimento de Alistamento Eleitoral). Dentre as várias perguntas necessárias ao preenchimento do FAE, pergunto a ele:

- Você estuda? Em que série está?

- Já estudei!

- Terminou o 2º grau? (calculo esta etapa do ensino, por causa da idade, 18 anos completos!).

- Terminei a 4ª série. Parei na 5ª série!

Concluo o atendimento ao jovem. Desisto de lhe cobrar a multa, simbólica, é verdade, para vários, mas, ainda, para muitos, onerosa. O jovem me agradece e se vai.

Comento o fato com alguns colegas e meus pensamentos se embaraçam, até que, aos poucos, vão se delineando. Penso na relatividade do conceito de estudo. Atravesso gerações, chego ao final do Século XX. Assim, consigo compreender porque, para aquele jovem eleitor, a conclusão da 4ª série do Ensino Fundamental constituía algo tão significativo, a ponto de o habilitar a me afirmar - "*Já estudei!*"!

Aproximadamente, 18 anos se passaram.

Trabalhando, hoje, em outro município, visivelmente distinta é a forma como me respondem à pergunta: "*Até que série estudou?*" A voz, quase inaudível, timidamente, exprime: "*fiz só até a 3ª série, 5ª série, 6ª série...*" Nunca mais ouvi "*já estudei!*" mas, apenas, parei, em um tom de pesar. Percebo a mudança de consciência.

Neste início do século XXI, ainda, verifica-se o severo descompasso existente entre avanços tecnológicos e avanços sociais. A mesma competência e celeridade comum ao processo eleitoral não se verifica em outras áreas: saúde, educação, moradia, segurança...

É preciso que outros serviços públicos priorizem o cidadão, razão da existência das instituições, dos servidores públicos, das tecnologias, do voto e dos políticos.

Se beber, não vote

Carla Gonçalves Rici Gomes
Analista Judiciário
161ª Zona Eleitoral de Leopoldina

O caso que venho contar ocorreu nas Eleições Municipais de 2008, em uma pequena cidade do interior.

O candidato a Vereador compareceu à sua seção eleitoral logo de manhã para exercer sua cidadania.

De imediato, foi possível reconhecer que o eleitor estava um pouco alterado, fosse pela vermelhidão do rosto, ou pelos passos imprecisos. Percebendo isso, o presidente da seção recomendou que o eleitor tomasse um café, ou voltasse mais tarde.

Porém, o candidato-eleitor foi categórico, afirmando estar no pleno exercício de suas faculdades físicas e mentais, e insistiu em votar naquele exato momento. Adentrou para a cabina, meio cambaleante, convicto de que iria votar em si mesmo. Tirou a colinha do bolso, e fez até o "V" da vitória.

De repente, ouviu-se da cabina: "ih, caramba! Errei!". E o eleitor saiu desesperado com as mãos na cabeça. "Errei, errei, e agora?"

O mesário indagou ao candidato o que havia acontecido. O eleitor se explicou, e, muito nervoso, disse que pensou estar votando primeiramente para Prefeito, mas, ao confirmar o voto foi que se deu conta não havia votado nele mesmo.

O caso seria até corriqueiro, não fosse pelo fato de que o candidato não obteve nenhum voto, nem o dele mesmo.

Para não aconfundir

Maria Cléia Santos
Analista Judiciário
317ª Zona Eleitoral de Montes Claros

Terminar uma eleição sem uma boa história pra contar é algo bastante incomum na Justiça Eleitoral. Em Minas então, onde as pessoas quase sempre são um caso à parte, isso torna-se ainda mais raro. Confesso que essa riqueza de relatos e de fatos foi uma das agradáveis surpresas que tive nesta Justiça.

Em tempos eleitorais, sobram-nos acontecimentos que merecem ser contados. Desde a busca pela documentação nos intermináveis saquinhos plásticos à tremedeira para assinar o caderno de votação, nesta época, muitas coisas nos são reveladas.

Mas de todas as histórias que presenciei, a que mais chamou minha atenção é a que passo a relatar. Era o primeiro domingo de outubro do ano de 2010, depois de percorrermos várias seções do nosso extenso município, por volta das nove horas, recebemos a informação de que uma urna havia travado e que todos os procedimentos já haviam sido tentados. Com uma notícia desta, já sabem, correria à vista e pé na estrada. Lá fomos nós sertão adentro: terra na cara, sacolejos de toda espécie, quase um rali pelos trinta e sete quilômetros que distanciam a referida seção do cartório eleitoral.

Após mais ou menos uma hora de abre cancela, fecha cancela, passa rio, passa roça, passa ponte, passa boi, passa gente indo votar: gente simples e alegre, transparecendo num sorriso quase sem dentes sua valentia para sobreviver, enfim, destino alcançado!

Direto à seção, já na porta deparamo-nos com seu Joaquim: chapéu na cabeça, sorriso na cara, cara boa de quem não se cansa de esperar. A urna havia travado com ele, pobrezinho, que saiu de madrugada da sua casa para não faltar com o seu dever.

Procedimentos de praxe com a urna eletrônica, uma vez, duas, três... e para nossa surpresa nenhum problema constatado! Novamente o título do seu Joaquim, liberado pra votar. Lá foi ele, pela sétima vez, feliz e sorridente e nada! A danada da urna não reagia, nas palavras do nosso ilustre eleitor.

Depois de muitas orientações à distância, não houve outro jeito, tive que me aproximar e de certa forma "quebrar o sigilo" da votação. Para meu espanto, constatei, que seu Joaquim não digitava qualquer número, apenas enfiava o santinho embaixo da urna, por isso ficava horas tentando votar...

Com muito jeito, retirei-o da seção e perguntei se não conhecia a urna eletrônica e se nunca havia votado nela, ele cuidadosamente me respondeu que já era "muito acostumado a votar" mas o problema estava com ele mesmo, que pela "pouca leitura" (já que no seu tempo era costume trabalhar desde muito cedo) havia "aconfundido a danada" com a outra mais antiga, do tempo que eu ainda nem havia nascido.

Relato de uma mesária de primeira viagem

Lúcia Helena Ferreira Carvalho
Analista Judiciário
Seção de Protocolo Geral/SGS

Certo dia, muito antes de eu integrar o quadro de servidores efetivos desta Casa, o telefone em minha casa tocou e, quando atendi, uma voz muito agradável, que supus ser a voz de uma amiga disse: Estou falando do cartório eleitoral e você está convocada para trabalhar na próxima eleição, na função de mesária.

Tudo muito novo e diferente, afinal, eu só comparecia ali para votar e agora, além de votar, eu estaria trabalhando também!!!

Bom... tudo transcorreu dentro do previsto. Dificuldades com quem gostava de reclamar dos políticos, como se nós fossemos os responsáveis por suas candidaturas. Alguns achavam um absurdo a obrigatoriedade do voto. Outros porque a fila estava grande... Havia, também, uma senhorinha analfabeta que, naquele dia e durante todos os outros anos, me explicava, detalhadamente, o porquê de ela não saber ler e nem escrever (o pai achava bobagem mulher estudar)! E eu, sensível à sua reclamação, dizia a ela que a admirava porque apesar de não saber ler e escrever ela se portava com uma boa cidadã, pois fazia questão de escolher seus representantes.

Mas o melhor estava ainda para acontecer. No final da tarde, já se aproximando o término da votação, chegou um senhor na seção com um grande embrulho debaixo do braço. Deixou o "embrulho" num canto da sala. Eu, ingenuamente, insisti para que ele colocasse o pacote em cima de uma mesa. Ele agradeceu e

disse que preferia deixá-lo no chão. Tudo bem, aqui o eleitor tem sempre razão!!!

Demos para ele a cédula e ele entrou na cabine e, como tantos outros, lá ficou. Já estávamos quase para resgatá-lo quando, de repente, não mais que de repente, o "embrulho" pulou para cima de nós de forma assustadora... Alguns colegas correram em disparada para fora da sala, cada qual tentando se salvar. Outros se esconderam atrás das carteiras. Cédulas haviam se espalhado pelo chão provocando um grande estrondo. E a fila, milagrosamente, desapareceu. Eu e minha colega ficamos em estado de choque.

Nosso eleitor, calmamente, saiu de sua cabine e veio recolher o tal embrulho, que era, tão somente, um enorme frango que se sentiu incomodado, embrulhado e jogado no chão. Cansado se rebelou, causando tamanho alvoroço.

Esse foi um dos acontecimentos que me ocorreu e marcou tanto o meu dia como também a minha história, bem antes de eu me tornar efetivamente uma servidora deste Egrégio. Aqui também aconteceram outros tantos episódios merecedores de relato, mas aí já é um outro "causo".

Voto consciente, esse eu decido!

Marta Pereira Tavares
Auxiliar de Cartório
102ª Zona Eleitoral de Divinópolis

Como sempre, a velha cultura do gosto pelas filas: quanto mais gente, maior, e, quanto mais demorar a chegar a própria vez, MELHOR. É sempre assim em final de cadastro, em ano de eleições. Há um ganho grande no tempo das filas: bom papo, boas risadas, conversa jogada fora. Depois de horas na fila, de ter falado de todas graças recebidas e doenças curadas, enfim chega ao atendimento. Senhora, levemente obesa, cabelos grisalhos, vestido chemisiê estampado com flores azuis, mãe de família, solene, toda importante, fazendo sua transferência. Falou logo, quero votar bem perto de minha casa pra acompanhar o movimento de todo o bairro no dia da eleição! Senta, abre a sacola e começa a tirar: sombrinha, agulha, linha, trouxinhas com remédios, e enfim um saquinho com os documentos. Distribui tudo sobre o balcão, com o peito aberto cheio de orgulho com tantos pertences. Colho todas as informações e indago:

- A senhora então vai querer votar no Otávio Olímpio?

Ela fica interrogativa, indignada, olhos bem abertos.
Repito a pergunta:

- A senhora quer votar no Otávio Olímpio?

Ela levanta, se posiciona com toda sabedoria, poder e clama em alto e bom som:

- Não, senhor! Nem conheço este tar de Otávio Olímpio, e o senhor me desculpa, mas o meu candidato eu é que resolvo, e ainda nem escolhi.

Aí me contive e esclareci:

- Não, senhora, estou perguntando-lhe se quer votar na Escola Estadual Otávio Olímpio, do lado de sua casa!

- Ahhhh claro. Num sabia o nome da escola, é lá mesmo que quero!!!!

Os "papelim" de pai

Fernanda Viviane de Freitas Ribeiro
Auxiliar de Cartório
317ª Zona Eleitoral de Montes Claros

Não posso deixar de citar meu falecido pai, Luiz Fernando, ao recontar qualquer "causo" de eleições, visto que vivenciou inúmeros. Nascido no sul de Minas, veio a trabalho nos anos 60, pavimentando a BR-135, no trecho que ligava São José da Lagoa a Montes Claros, no norte de Minas. Ao chegar na altura da Cidade de Augusto de Lima, conheceu minha mãe. Apaixonou-se, em igual intensidade, pela cidade e por ela... Decidiu que, para ele, o asfalto até ali já era o suficiente, já havia chegado a seu destino. Demitiu-se. Casaram-se.

"Seu Luiz", como as pessoas carinhosamente o chamavam, era altamente carismático, prestativo e apaixonante. O casal apadrinhou muitas crianças, muitos casamentos, acolheu muita gente doente que chegava das roças circunvizinhas em nossa casa. Passei minha infância sem saber se ali era um lar ou uma associação comunitária...

"Seu Luiz" resolveu, então, enveredar-se pelos caminhos da política. Foi eleito Prefeito duas vezes, nas décadas de 70 e 80. Era chamado o 'Prefeito do Povo'. A cada final de pleito, íamos todos à cidade sede da Comarca, Buenópolis, para ouvirmos os votos serem 'cantados'. No galpão do antigo Fórum, os escrutinadores abriam as cédulas que, na minha cabeça de criança, eram "uns papelim"; e sempre alguém me falava: "Esse aí também é de seu pai!". De quando em quando, meu pai me chamava e pedia para eu ir ao Posto Telefônico (ninguém ainda possuía telefone em casa) para informar as "parciais" para meu avô, em Lavras. Que

TRE-MG

alegria era quando ele atendia e eu, uma 'mídia de resultado' à época, gritava: Vô, os "papelim" é tudo de pai!!!

E assim cresci, com minha história se entrelaçando com a história das eleições municipais de minha querida cidade natal...

A Kombi eleitoral

Elizabeth de Senna Valle
Analista Judiciário
Assessoria de Planejamento, Estratégia e Gestão

E lá fomos nós fazer eleição em Matipó... Mataram o Prefeito e depois o Vice que assumiu a Prefeitura no lugar dele. A situação era por demais tensa e até alguns detalhes serviam para exaltar os ânimos.

Naquela época as Kombis eram utilizadas pelo Tribunal para transporte de servidores e outros serviços. Óbvio que fomos para Matipó de Kombi. Elas (duas) foram lotadas de microcomputadores e mal tinham lugar para nós. Nem é preciso dizer o quanto foi engraçado. Ventava muito e a Kombi balançava de um lado para outro e ficávamos mais preocupados com os computadores do que com a gente mesmo.

Para comunicação eram utilizados "walk talk" e os colegas da Kombi que estava atrás ficavam conversando com o pessoal da nossa Kombi:

- Águia 1 câmbio... Aqui é Águia 2.... Fala com o motorista que se não abrir a curva vamos totalizar a eleição lá no mato....
Câmbio

- Águia 2 câmbio... Águia 1 falando Pergunta para seu motorista se ele comeu muito feijão ontem, porque vai ter que segurar essa Kombi no braço por causa da ventania.

E assim foi até lá. Rimos muito e foi bom para descontrair porque o que nos esperava não ia ser "bolinho".

Quando chegamos à cidade fomos direto para o cartório eleitoral que funcionava no Fórum. Os colegas nos receberam muito

bem e deu para notar o alívio que sentiram porque sabiam que íamos assumir a parte mais tensa de uma Eleição: apuração/totalização.

Tudo na cidade era dividido entre as cores verde e vermelho, porque eram estas que representavam os dois partidos que estavam disputando aquela eleição. Até os telefones, enviados pelo Tribunal, tivemos que mandar trocar porque eram verdes e o partido vermelho entendeu que já estávamos "preferindo" o partido verde. Coisa de louco...

Trabalhamos o dia inteiro e estava na hora de ir para o hotel que ficava na beira da estrada. Os técnicos do TSE ficaram de cabelo em pé com a situação. Nunca tinham vivido de perto uma eleição, ainda mais nesta circunstância.

E o pior não era isso: até chegar ao hotel víamos que estávamos sendo seguidos, como forma de intimidação dos partidos, e tivemos que ligar para o Tribunal pedindo reforço policial. Nesta hora até os "Águias" ficavam calados.

No final deu certo: "dedo de Deus", como dizia um colega.... Tudo pela JE. E o "lerê" continua... mas fala diferente.

Assina ou não assina: a recusa

Rodrigo Márcio de Menezes Mello
Analista Judiciário
036ª Zona Eleitoral de Belo Horizonte

Esta história é hilária! Aconteceu com o coronel Chumbinho e com o Waltinho, na véspera de intimação de mesários nas eleições de 2004, em Belo Horizonte.

O coronel Chumbinho e o Waltinho iam intimar mesários no bairro Diamante, às duas da tarde. O coronel Chumbinho estava de boné azul, óculos escuros e barba por fazer. Algumas vezes eu ia revezando com o Waltinho na entrega das intimações.

Em uma dessas intimações, o Chumbinho ficou no carro e o Waltinho foi intimar o mesário neste bairro, pois havia muitas cartas para serem feitas naquela tarde. O mesário não estava, mas a família dele estava na casa. O Waltinho dirigiu-se então ao pai do mesário ausente, e ele resolutamente não queria assinar a carta. Insistia para ele assinar de forma educada, mas o pai recusava toda hora.

Vendo que poderia haver confusão, o Chumbinho foi até lá. E, logo, o Chumbinho pediu ao motorista que dirigisse até onde Waltinho estava. Chegando lá, o pai do mesário, vendo o carro com o brasão da Justiça Eleitoral e o Chumbinho, barbudo, de óculos escuros e de boné, com cara amarrada, assustou-se, pensando ser da polícia. E, temeroso, pediu a carta. Assinou o recibo da intimação numa pressa danada, agradeceu o Waltinho e foi adentrando-se na casa, com medo, de forma apressada.

Logo, o Waltinho caiu na gargalhada, o Chumbinho também, e partiram para fazer outras intimações no bairro.

"Papagaio de Pirata"

Antônio Vieira dos Reis Carellos
Analista Judiciário
Secretaria de Gestão de Serviços

Em 1989, tivemos a primeira eleição direta para a Presidência da República, em substituição ao Colégio Eleitoral, que era a forma de eleição para este cargo específico, até a promulgação da Constituição de 1988.

Concorreram à eleição Fernando Collor de Melo, Lula, Affif Domingues, Mário Covas, Leonel Brizola, dentre outros.

Não tínhamos urna eletrônica e a eleição era feita em cédula de papel, colocadas em urnas de lona marrom. Cada cartório fazia a apuração dos votos em clubes da Capital, enviando os boletins de urna para serem totalizados no SERPRO ou no Colégio Estadual.

Voto de papel, apuração manual, junta apuradora dividida em turmas, fiscais de partido, candidatos, pessoal do cartório.

O Presidente do TRE, à época, se dirigiu ao Clube dos Oficiais da Polícia Militar, local escolhido pelas emissoras de Televisão, por apresentar melhores condições de transmissão televisiva, para apurar o primeiro voto para o cargo de Presidente da República, após tantos anos.

Câmeras fixas em S. Exa., que, com as mãos trêmulas, abriu a cédula, e se preparava para anunciar o voto, quando alguém, às suas costas, bradou:

Pqp! - Lula!!!!!!

A loura

Francisco Bruzzi de Souza Lima
Técnico Judiciário (aposentado)
038ª Zona Eleitoral de Belo Horizonte

O "causo" ocorreu nos idos dos anos 90, quando todos os cartórios eleitorais situavam-se nos prédios da Av. Prudente de Moraes. Os RAEs eram preenchidos a mão e os títulos entregues um mês depois. Terminado o final de cadastramento e passado um mês, chegou a hora de entregar os títulos. Tinha gente chegando, muitos eleitores para receberem os títulos. As atendentes pegavam várias identidades e depois chamavam os eleitores pelo nomes para recebê-los.

Em um certo instante entra uma loura monumental, com um vestido curto, toda maquiada e chamando a atenção. Neste momento saíram homens e mulheres de todo o lado para ver aquele monumento. A atendente recolhe várias identidades, inclusive a da loura. Quando volta chama pelo nome de Roberto, a loura se encaminha para a atendente e responde com uma voz bem grossa: - Sou eu. Decepção total dos homens e mulheres, como podia aquele monumento ser do sexo masculino e ninguém perceber! O pior foi a constatação de que a mulher mais bonita que tinha entrado naquele dia era do sexo masculino.

Sobre os vencedores

1º Lugar

Alayr Paulo Teixeira, natural de Belo Horizonte, é casado, pai e avô. Aposentado há 15 anos, permaneceu no TRE por nove anos, depois de ter passado por outras empresas. Começou na antiga Secretaria de Patrimônio, passou pelo Cartório da 38ª Zona Eleitoral de BH e terminou sua carreira no Almojarifado, de onde saiu para se aposentar. Foi pioneiro no Centro de Apoio, em 1998, tendo acompanhado todos os esforços feitos, anteriormente, pela busca de um bom depósito para os materiais do Tribunal. Além desse orgulho, Alayr Paulo Teixeira carrega outro, o de ter sido um dos fundadores da ASTREMG, em 1995, e um dos incentivadores da participação dos servidores do TRE no SITRAEMG.

2º Lugar

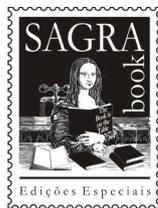
Raquel de Moraes Lembi, natural de Ouro Preto, entrou para a Justiça Eleitoral em 1996, um ano emblemático, que marcou o início da votação informatizada no Brasil e em Minas Gerais, tendo sido lotada no Cartório da 27ª Zona Eleitoral de Belo Horizonte. Em 2009, passou a atuar na Seção de Orientação às Zonas Eleitorais da Corregedoria Regional Eleitoral, onde auxilia o dia a dia dos colegas das zonas eleitorais.

3º Lugar

Valéria Ferreira Coelho, natural de Curvelo, estuda Relações Internacionais na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. É Servidora da Prefeitura de Buenópolis e cedida ao Cartório da 54ª Zona Eleitoral daquela cidade para colaborar nas eleições municipais de 2012. Recebeu destaque acadêmico em diversas áreas, tendo sido contemplada em concursos estaduais e

TRE-MG

federais dentre eles o Concurso MEC Ministério da Educação de Frases, intitulado "Os Valores Humanos", com premiação e honras em Brasília-DF. Também recebeu menções honrosas no Concurso de Redação da UFMG e na OBMEP, além de vários concursos de desenhos, textos e logomarcas.



Seção de Artes Gráficas do
Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais

A Cerimônia de Premiação dos três melhores trabalhos do **Concurso de Causos** foi realizada na tarde do dia 13 de novembro de 2012, durante evento comemorativo do **Dia do Servidor**, no Auditório Desembargador Leal da Paixão.

O presidente da Comissão Julgadora, Olavo Romano, com seus causos mineiros, e Rodrigo Delage e João Araújo, com suas violas caipiras, emocionaram a platéia presente no encontro.



Alayr Paulo Teixeira, primeiro colocado, com o causo "A história é um causo sério", recebeu prêmio e placa comemorativa das mãos da servidora Silvana Garcia, do Grupo de Desenvolvimento Organizacional - GDO.



A Coordenadora de Educação e Desenvolvimento - CED/SGP, Fátima Camarano, entregou prêmio e placa de homenagem a Raquel de Moraes Lembi, segundo lugar, com o causo "Mizade".



Valéria Ferreira Coelho, terceira colocada, com o causo "Antenada às tecnologias", recebeu prêmio e placa de homenagem das mãos do jornalista Rogério Tavares, Assessor-Chefe de Comunicação.



Tribunal Regional Eleitoral

Que estas pequenas estórias de vidas e eleições possam ser uma chama em homenagem aos que, com trabalho e dedicação, honram nossos valores mais preciosos, especialmente, na livre manifestação da cidadania, escolhendo e fiscalizando os que nos governam."

Olavo Romano